



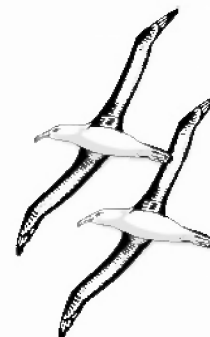
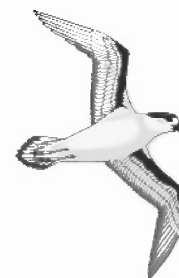
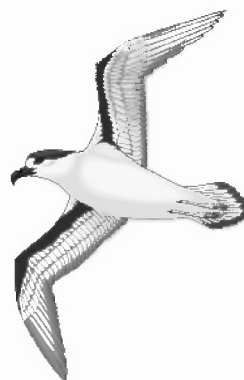
revista das letras 428

Conceição

Lima

**Transitório é este tempo que te divide
sem o saberes
transitórias as águas, os tambores quebrados
transitória a noite que à noite sucede
sem te veres**

**Transitória a pálida bruma a
ocultar-te de ti
transitório o silêncio ocupando espaços
além da tua boca
transitórias as pedras amargas desaguando
sem licença no litoral da aurora, transitória
a angústia das palavras ensanguentadas em tuas mãos
Obstinado peregrino quem te acompanha além de ti?
Emissário de rios esquecidos quem te ouve?
Oh, surdas são as ondas deste mar
supenso
entre os teus dedos e o teu sonho**



Suplemento de O Correo Galego que aparece os xoves. Coordinación: A.R. Lopez, Rosa Navia e Soledade Noia. Deseño: Anton Lopo e Carme Botana. Maquetación: Carme Botana. Fotografía: Chico Miras e Chicho Saorane. Infografía: Teresa Tojo, Fran Domínguez e Alberto Rivadulla. E-mail: Rdi@elcorreogallego.es

Poesía de São Tomé

Poesía de Sao Tomé

A literatura oral foi, na segunda metade do século XIX, o punto de partida da **poesía de Sao Tomé**. Só a primeiros do século pasado, esta literatura comeza a reflectirse na escrita mediante o 'crioulo', denominada en Sao Tomé 'forro'. É tamén a primeiros do século pasado cando se produce, asociado ó xornalismo contestatario e con cariz panafricanista, comezan a aparecer os primeiros nomes con relevancia literaria, como Caetano Costa Alegre ou Marcelo da Veiga. A partir dos anos cincuenta do século XX, xordeu unha serie de escritores que, como José Ferreira Marques, irán dándolle entidade á escrita do país, o máis pequeno do continente africano. É a partir destes anos, aparecen nomes como Tomaz Medeiros, Marcelo da Veiga, Manuela Margarido ou Alda do Espírito Santo, para chegar a unha auténtica explosión nos tempos do independentismo como Olinda Beja. Nos últimos anos, a poesía converteuse no xénero con maior relevancia literaria do país. A antoloxía que presentamos é un banzo máis de rDI para achegarse ó ámbito da lusofonía e, como en números anteriores, a selección foi realizada por **Xosé Lois García**.

Caetano Costa Alegre

meus olhos sao como a noite
Em que astro nenhum flutua,
Mas se o teu olhar os fita
Na noite desponta a lua.

Se os escravos sao comprados,
Ó branca de além do mar,
Homem livre, eu sou escravo,
Comprado por teu olhar.

Meu olhar é retratista,
Ó minha doce miragem,
Senao diz-me porque tenho
No meu peito tua imagem.

Roubai-te o primeiro beijo,
O segundo foi-me dado,
O terceiro, francamente,
Creio que me foi roubado.

Minha amante é escura noite,
Que me convida a dormir
Quando os seus lábios descerra
Vejo os astros a luzir.

A neve que cai na serra
Esfria tudo em redor;
Quem se afoita a amar as brancas,
Se da neve têm a cor?

As noites para serem belas
Precisam milhares de sóis,
A ti, negra como as noites,
Apenas te bastam dois.

Um dia a espuma dos mares,
Ao ver em si meu amor,
Foi dizer baixinho à praia:
—A Vénus mudou de cor!

A nossa terra é tao bela!
Duma beleza sem par,
E por ser assim fermosa
Fê-la sua amante o mar.

De longe vem visitar-me
A flor da minha afeição,
Na barca do pensamento
Por mar da imaginação.

A sombra, cor do meu corpo,

Segue o teu corpo na rua;
Longe ou perto, como a sombra,
A minha alma segue a tua.

Nao admira que eu te queira,
Sofrendo penas sem fim,
Pois eu sei uma cantiga
Do ninho que diz assim:

O ninho é feito de penas,
O ninho contém espinhos,
E as aves dormem sem penas
Nas penas dos ninhos.

.....
O poema titúlase 'Seroes de S. Tomé'.

Francisco José Tenreiro

terra!
Das plantações de cacau de copra de café de coco a perderem-se de vista

que vão morrer numa quebra ritmada
num mar azul como o céu mais gostoso de todo o mundo!

Onde o sol bem amarelo bem redondo incendeia as costas
dos homens das mulheres agitando-lhes os nervos
num cadenciar mágico mas humano: capinar sonhar plantar!

Onde as mulheres que têm os braços mais grossos e mais tortos
que oca
são negras como o café que colhem depois de torrado
trabalham ao lado de seu homem numa ajuda toda de músculos!

Onde os moleques vêem seus pais no ritmo diário
deixando correr gostosamente pelo queixo quente
o sabor e a seiva húmida do sáfu maduro!

Onde as noites estreladas
e uma lua redonda como um fruto
os negros as sangueiros os moleques os caçó
—mesmo o branco e a sua mulata—
vêm no sôcôpê de uma sinhá
ouvir um malandro tocando no violão
cantando ao violão!

E o som fica ecoando pelo mar...
Onde apesar da pólvora que o branco trouxe num navio escuro
onde apesar da espada e duma bandeira multicolor
dizerem poder dizerem força dizerem império de branco
é terra de homens cantando vida que os brancos jamais souberam
é terra do sáfu do sôcôpê da mulata
—ui! fetiche di branco!—
é terra do negro elal forte e valente que nenhum outro!

.....
O poema titúlase 'Iha de nome santo'

Vem até mim
nesta noite de vendaval na Europa
pela voz solitária de um trompette
toda a melancolia das noites de Georgia:
oh! mamie oh! mamie
embala o teu menino
oh mamie oh! mamie
olha o mundo roubando o teu menino.

Vem até mim
ao cir da tristeza no meu coração
a tua voz de nerinha doce
quebrando-se ao som grave dum piano
tocando em Harlem:
—Oh! King Joe
King Joe
Joe Louis bateu Buddy Baer
e Harlem abriu-se num sorriso branco

Nestas noites de vendaval na Europa
Count Basie toca para mim
e ritmos negros da América
encharcam meu coração;
—ah! ritmos negros da América
encharcam meu coração!

E se ainda fico triste
Langston Hughes e Countee Cullen
Vêm até mim
Cantando o poema do novo dia
—ai! os negros não morrem nem nunca morrerão!

...logo com eles quero cantar
logo com eles quero lutar
—ai os negros não morrem
nem nunca morrerão!...

.....
O poema titúlase 'Framento de blues'. A Longston Hughes

Marcelo da Veiga

Sun Engaã
Veio de Montividó
Por o caminho d'Ubá...
Porquê?
San Mãquina adivinhou
O que é...

Correu...
Também desceu...
A casa do rato tem
Sua traá...
Máquina vem
Dum lado, alguém
Por outro passa...

.....
O poema titúlase 'Sôcôpe'

Quando a ilha era nossa
E nossas suas terras,
Cada um possuía seu quinhão de roça.
E a alegria corava os vales e as serras.

Campos de inhame de mandioca e milhos,
Ensopeiros em luz e água, plantados
De coqueiros, de ocas, de bananeiras,
Onde á tardinha o sol punha seus brilhos
Tenuíssimos cansados,
Quais reflexos doridos das lareiras.

Roças lindas, distantes, dos "uvôdos"
Paronde, na ocasião das grandes festas,
Não havia convites, iam todos,
Porque eram todos bos, irmãos amigos.
E tinham mesa e amigos,
Csas brancas de cal, vivas, sem frestas

Terra de noites lindas, embruxadas!
Em que as serras e os campos,
Como se os astros os pulverizassem,
Se cobrem de relumes, piriamplos.

Ó minha ilha do Príncipe de outrora,
De Santo António mais nossa Senhora!
Terra de São Lourenço e Simaló,
De canoas, que sem possuírem velas,
Só a remos, como as aves, abrem voo,
Sob protecção de Deus e das estrelas.

Ilha encanto, princesa do Equador,
Formosa aos olhos como um passarinho,
Verdejatne canteiro em luz e flor,
O terra d'Abiá-foca e feticheiras
E de noites balsâmicas, estranhas,
Do luar clareante e alvo como o linho,
Luar que embranquece o cume das montanhas
É poe neve nas águas das ribeiras
Que em ondas são quais tranças das deidades!

Ilha de poentes de ouro das Trindades
Cujo povo hoje não possui um iar,
Porque o branco que um dia o visitou
Tudo lhe roubou
Seus campos destruiu
Sua casinha branca demoliu
E a ventura, qual fumo, foi-se no ar...

Ó minha ilha do Príncipe de outrora,
De Santo António mais nossa senhora!

.....
O poema titúlase 'Evocação'. A.D. Ana Luís de Brito

Maria Manuela Margarido

entardecer... capim nas costas
do negro reluzente
a caminho do terreiro.
Papagaios cinzentos
explodem na crista das palmeiras
e entrecruzam-se no sonho da minha infância.
na porcelana azulada das ostras.
Alto sonho, alto
como o coqueiro na borda do mar
com os seus frutos dourados e duros
como pedras oclusas
oscilando no ventre do tornado,
sulcando o céu como o seu penacho doido.
No céu perpassa a angústia austera
da revolta
com suas garras suas ansias suas certezas.
E uma figura de linhas agrestes
se apodera do tempo e da palavra.

Este poema titúlase 'Paisagem' e o seguinte 'Vós que ocupais a nossa terra'.

é preciso não perder
de vista as crianças que brincam:
a cobra preta passeia fardada
à porta das nossas casas.
Derrubam as árvores fruta-pao
para que passemos fome
e vigiam as estradas
receando a fuga do cacau.
A tragédia já a conhecemos:
a cubata incendiada,
o telhado de andala flamejando
e o cheiro do fumo misturando-se
ao cheiro do andú
e ao cheiro da morte.
Nós nos conhecemos e sabemos,
tomamos chá do gabao,
arrancamos a casca do cajueiro.
E vós, apenas desbotadas
máscaras do homem,
apenas esvaziados fantasmas do homem?
Vós que ocupais a nossa terra?

Alda do Espírito Santo

nesta noite morna de luar africano
salpicando de sombras as estradas
eu estendo os meus braços sedentos
para a nossa mãe África, gigante
ergo para ti meu canto sem palavras
suplicando bênção da terra
para as vias dos teus caminhos
para a rota do destino imenso
traçado na inteireza de todo o teu ser
para ti, a projecção das nossas estradas
varidas da impureza dos dejectos inúteis
para ti, o canto de glória
da nossa Mãe África dignificada.

Avó Mariana
Avó Mariana, lavadeira
dos brancos lá da Fazenda
chegou um dia de terras distantes
com seu pedaço de pano na cintura e ficou.
Ficou a Avó Mariana
lavando, lavando, lá na roça
pitando seu Jessu
à porta da sanzala
lembrando a viagem dos seus campos de sisal.

num dia sinistro
p'ra ilha distante
onde a faina de trabalho
apagou a lembrança
dos bois, nos óbitos
lá no Cubal distante.

Avó Mariana chegou
e sentou-se à porta da sanzala
e pitou seu Jessu
lavando, lavando
nume barreira de silêncio.

—Os anos escoaram
lá na terra calcinante
—“Avó Mariana, Avó Mariana
é a hora de partir.
Vai rever teus campos extensos
de plantações sem fim”.

—“Onde é terra de gente?
Velha vem, não volta mais...
Cheguei de muito longe,
anos e mais anos aqui no terreiro...
Velha tonta, já não tem terra
Vou ficar aqui, minino tonto”.

Avó Mariana pitando seu Jessu
na soleira do seu beco escuro,
conta Avó Velhinha
teu fado inglório,
Viver, vegetar
à sombra dum terreiro
tu mesmo Avó minha
não contarás a tu história.

Avó Mariana, velhinha minha,
pitando teu Jessu
na soleira da sanzala
nada irás do teu destino...
Porque cruzaste mares, avó velhinha,
e te quedaste sozinha.

O poema titúlase 'Para Tânia'.

Tomaz Medeiros

Conheces tu
Nicolás Guillén
A ilha de nome santo?
Não? tu não a conheces?
A ilha dos cafezais floridos
E dos cacueiros blançando
Como mamas de uma mulher virgem?
Bembom, Nicolás Guillén
Nicolás Guillén, bembom
Tua não conheces a ilha mestiça,
Dos filhos sem país
Que as negras da ilha passeiam na rua?
Tu não conheces a ilha-riqueza
Onde a miséria caminha
Nos passos da gente?
Bembom, Nicolás Guillén
Nicolás Guillén, bembom.
Oh! vem ver a minha ilha,
Vem ver cá de cima, Da nossa Sierra Maestra.
Vem ver com a vontade toda,
Na cova da mão cheia.
Aqui ninguém fala do yes,
Nem fuma charuto ou
Tabaco estrangeiro.
Qu'importa, Nicolás Guillén,
Nicolás Guillén, qu'importa?
Conoces tu
La isla del golfo?
Bembom, bembom,
Nicolás, bembom.

O poema titúlase 'Um sócópé para Nicolás Guillén'

Mãe:
Nós somos os teus filhos
Que sem vagonha quebraram as fronteiras do
silêncio
Os folgos sem manhães
Que rasgaram as noites que cobriam
As carnes das tuas carnes.
Nós somos, Mãezinha,
Os teus filhos.
Os pés descalços,
Esfomeados,
Os meninos das roças,
Do cais,
Os capitães d'areia,
os meninos negros à margem da vida, Que desperdiçaram o
destino do teu ventre,
Que endireitaram os instantes
Que marcaram solcalcos na terra firme,
Na profundidade das Terras da tua vida.
Nós somos, Mãezinha, os teus filhos,
Sexos que germinaram vida,
Forças que desfloraram a virgindade dos dogmas,
Fecundaram minérios de esperança,
Olhos, dinamites de amor,
Mãos que esfacelaram a espessuram dos obós,
Germina a CERTEZA:
Mãezinha:
Nós somos os teus filhos.

O poema titúlase 'O novo canto da mãe'.

Fernando de Macedo

Som repetidas ondas no guipá
saltam algas, cantam búzios,
arrastadas vozes lembram
velhos tempos de bigá.
Calma e força, força e calma
escrevem anos, lembram séculos,
lutas, recuos, avanços,
dum povo com fogo n'alma.
Deixando em suas praias
a ressonante canoa,
saltam envoltos em panos
pulando como lagaia.
Espadas agudas, cortantes,
são vinganças, são vitórias,
foram ontem, são agora,
homens de lutas constantes.
Guerra passada presente
longa zagaia apontada
destróça, vence inimigos,
no ventre do izaquente.

O poema titúlase 'Quiná'.

Chovem lágrimas a sul
Veio o tempo da derruba
chegou João Potóbbó
os mistérios são esventradas
caem penas d'ossóbbó.
Vem em nome do progresso
clareira em mato aberto,
na miragem do cacau
chamam, ao escravo liberto.
Corta depressa machim
que a liberdade tem prazo,
vem outros a caminho
nasce o dia com atraso.
Sente-se a bruma do mar
Sete Pedras estão à vista
chovem lágrimas a sul
enevoando a conquista.

O poema titúlase 'Chovem lágrimas a sul'.

Olinda Beja

O cacau está em flor.
O café está em flor.
A vida toda está em flor.
A ilha verde-esmeralda é agora um lago de cristal
onde as lágrimas da chuva ganham brancas asas
na vastidão das noites
que meus avós derramaram nos mares da escravidão.
Que disso sabem também Simão Andreza Andreza
Amador
Yon-gato
Lázaro
Adão Prat
Duarte Amarroco
e tantos
tantos outros a quem a vida
decepeu a esperança
na tela da sua juventude.
Passavam por vezes nos portos das gaivotas navios negrei-
ros
transportando peças humanas
escalando enseadas de outras terras virginais...
Não eram corações que iam dentro dos navios
eram apenas eles
os sem-nme e sem história
arrancados brutalmente
à palpação do ventre natal
seguindo destino ignoto onde
um cortejo infidável de sofrimento e dor
caminhava a passos largos
para dentro do seu peito
que tinha nascido livre.
Levavam nada mais que a robustez e a força
para fazerem girar as rodas dos engenhos
levantarem palácios e monumentos
constuírem estradas e pontes
roças e fazendas.
Quem já se lembrou de lhes erigir uma
estátua?
E os meus avós plantados nas escarpas do cacau
acenavam ansiosos aos rostos de ébano que como eles
murmuravam em uníssono
cânticos hossânicos
aos deuses esquecidos das terras de Mãe-África.
Nunca viajaram.

Só os olhos se perderam nas caravelas impossíveis
da sua insularidade
construindo astrolábios de ternura
nos quadrantes duma sensualidade recalçada.
A noite avó Capina ainda sente desejos de remoçar o corpo
nunca alquebrado.
Por isso
à frente do socopé-fantasma na festa de S. Lourenço
a sua figura ergue-se majestosa
deslizando cisnaticamente entre a copa das fruteiras e o sus-
surro das flores de algodão.
Oxalá
eu venha a ser a herdeira
do seu erotismo bíblico para elevar nas alturas
o desejo assumido de Salomé e de Maria madalena.

Ana Maria Deus Lima

mãe pátria
És o continente por todos cobiçado
És o símbolo do sofrimento
Teus filhos por ti choram
Sentindo na carne e na alma
As ... do imperialismo
Sangues inocentes correram
Para poderem ver-te livre
Viste tombar os teus melhores filhos
Que por ti deram a vida
Teus filhos toturados, escravizados e explorados
Es o continente por todos cobiçado
Cobiça essa que é cada vez maior
Mas, lutando estão os teus filhos
Para a tua, libertação total
Porque és África
África e só dos Africanos
Teus filhos cientes da sua vontade
E determinação
Hão-de libertar-te
Lutando até a vitória final
Porque és e serás sempre África.
Seroes de S. Tomé

O poema titúlase 'África'.

é s de cor
Conforme a natureza te criou
És de carne e osso como o é outro qualquer
És humilhado, maltratado, escarvizado
És desprezado e explorado
Tudo isto devido
A cor da tua pele
Mas irmão não te sintas humilhado
Perante outro
Que embora se julgue superior a ti
É precisamente igual a ti
Sobretudo não pares
Como quem se entrega ao destino
Trabalha e luta
Para que os teus passos sejam certos e firmes
Trabalha e luta
Caminhando rumo a um futuro brilhante
Instrumento de dominação
Não será irmão o mito da pele
O caminho da revolução
Será o fim da exploração

O poema titúlase 'Irmão negro'.

"Ignorando obviamente que as maravillas do mundo son sete, a Fox descubriu dúas máis e as realizou en tecnoloxía... facendo uso magnificamente das cataratas e áreas adxacentes, como da propia magnificencia de Marilyn Monroe"

New York Times

"Marilyn contradiu máis que adecuadamente a eficacia da vella norma escénica acerca de non volver as costas ó auditorio"

New York Herald Tribune

"Despois da guerra, o erotismo cinematográfico desprazouse das coxas ós seos. Marilyn Monroe feino descender entre os dous"

André Bazin

"No panteón pagán de Hollywood, Marilyn é a deusa do amor".

Times

"Facer unha película con Marilyn é como ir ó dentista"

Billy Wilder

"Marilyn era a Stradivarius do sexo"

Norman Mailer

"Pertenzo ó público; el é o meu único fogar"

Marilyn Monroe



Suplemento de O Correo Galego que aparece os xoves. Coordinación: A.R. Lopez, Rosa Navia e Soledade Noia. Deseño: Anton Lopo e Carme Botana. Maquetación: Carme Botana. Fotografía: Chico Miras e Chicho Seoane. Infografía: Teresa Tojo, Fran Domínguez e Alberto Rivadulla. E-mail: Rdi@elcorreogallego.es



revista das letras 429



Marilyn



A rebelde Lilith, a curiosa Pandora, a selvática Artemisa ou ¿por que non? a eterna fuxitiva, Marilyn Monroe: mitos que tanto lles outorgan ás mulleres unha capacidade para facer un dano extraordinario como tanto presentan as femias como un ser débil, atordado ou carente de xuízo. Fronte á intelixencia, só curiosidade. E coa curiosidade, a “intuición, percepción e imitación” que configuraban, segundo Darwin, as características das “razas inferiores” e que o teórico da orixe das especies, lle atribuíu á muller. Desde a perspectiva do viril, créase unha teoría totalizadora da inestable, da vulnerable, da arrebatada, da enfermiza Marilyn Monroe: un mito, unha icona, unha imaxe simbólica creada pola cultura de masas e, como tal, sometida ós intereses e subxectividade do poder. Un produto da mentalidade economicista da sociedade capitalista postindustrial, do mercado, de Hollywood. Non foi ela quen pensou a realidade –coñecida é a súa rebelión constante contra o papel da loira platino, da *star sys*–

Marilyn, a icona



tem ou a busca, mesmo angustiada, polo recoñecemento do seu traballo– se–nón a realidade mesma quen pensou nela. Unha estrela que –relata Carmen Alborch en *Solas*– como Jane Mansfield, Sofía Loren ou Brigitte Bardot representa ese “obxecto sexual” que se desexa posuír, ese “obxecto de pracer” para a mirada masculina arredor do cal se elaboran guións e historias en busca da identidade e felicidade dos homes. Contra a imaxe da rubia parva, unha muller apaixonada por Goya ou Picasso e ávida lectora de Rilke e Walt Whitman. Contra a visión de vampiresa e *femme fatale*, a muller obsesionada pola súa formación. A súa vulnerabilidade, sempre sometida ós dictados dos achegados, facilitou que pasara á historia como icona do erotismo. A súa inestabilidade –acentuada entre cocteis de pastillas e champagne– estereotipou a imaxe da guapa parva en pose de *happy birthday Mr. President*. Claro que Norma Jean Mortenson (Os Ánxeles, 1926-1962) creou un dos grandes mitos do século XX: Marilyn Monroe, un personaxe constantemente retroalimentado por ela mesma e que non é, nin de lonxe, o único caso no contradiscurso da historia da muller. Personaxe e muller confúndense. Pasou coa Bella Otero, aséntase en biografías como a da pintora Maruxa Mallo que non pasaba de ser máis ca unha extravagante. E con Marilyn Monroe teñen en común a fuxida –mesmo nos barbitúricos– traizoadas polas expectativas que nelas depositaba a sociedade. Excepcional e fascinante, tanto Marilyn como Norma Jean Mortenson. “A gloria non é máis que un duelo clamoroso pola felicidade” que diría Madame de Staël. E, contra lecturas nesgadas, a palabra.

Escribíense frases estrañas estes días arredor de Marilyn Monroe no corenta aniversario da súa morte por Nembutal. Que se de vivir hoxe estaría loitando por dar cun buraco nas tertulias radiofónicas ou nas tómbolas, ou nas festas mundanas. ¿É que Norma-Marilyn non tiña dereito á vida? Porque catro mitómanos a queren morta e ben morta para conservar o lume sagrado da imaxe virxinal, debemos pensar que podería seguir entre nós, máis vella, tal vez máis vulgar e acartonada pero viva. E as películas que podía ternos dado. Non, mellor para estes 'marilynianos' que morrera hai corenta anos.

Ela quixo vivir. Despois de tomar a sobredose de somníferos, chamou ó seu amigo, o cuñado do seu amante Kennedy, Peter Lawford, que foi quen llo presentou. Foi un SOS, pero Peter, o actor, o proxeneta da Casa Branca, anegado en alcol non a tomou de todo en serio. Ou nada puido facer. A química corría xa polas veas de Marilyn cara á hora final cando se arrepentiu, quixo volver á vida pero xa era tarde. Confirmouno o seu médico. Ese día pasou da euforia á depresión suicida. Nada de teorías da conspiración. **Quitouse a vida, ela que era a viva imaxe da vida.**

¿Que ocorreu aquela tarde de 1962? Non podía ser outra cousa que un desengano, unha desilusión sentimental. Se alguén alberga dúbidas sobre o seu 'rollo' co presidente Kennedy só debe proxectarse o seu 'Cumpreanos feliz' no Madison Square Garden de Nova York.

Estaba mal. Tal vez non o sabía, tan fráxil, tan vulnerable e tan autodestructiva. De Marilyn Monroe recolectei algunhas das opinións que suscitaba, tan contradicorias. **Anxo para uns, demo para outros.** Tralla dos estudos de Hollywood, que non souberon coidar dela, só preocupados desapiadadamente en terminar a súa última película con George Cukor. "Estaba completamente tola" dixo Cukor dela, "foi vítima dos seus amigos". William Manchester, o historiador do kennedysmo escribiría que se exhibiu "espida para un calendario. Non necesitaba os cincuenta dólares. A idea gustáballe". "Nunca máis me encontrarán a carón desa dama", dixo Laurence Olivier, co que traballou en 'O príncipe e a corista'. "A peor das persoas, sen ningunha esperanza" (Victoria Principal).

O corrosivo Billy Wilder despachouna con estas palabras: "Facer unha película con ela era como ir ó dentista". Despois da escena dun prolongado bico con Tony Curtis, o actor dixo: "Teño a impresión de que biquei a Hitler". O director Joshua Logan, que a dirixira en 'Bus Stop', afirmou que era unha das actrices máis xeniais coas que traballou, a máis completa desde Greta Garbo, a máis misteriosa tamén. "É puro cine". O "Stradivarius do sexo" chamouna o novelista Norman Mailer, que lle dedicou un libro.

Neurótica profunda, inmadura, destruída na nenez e a adolescencia, sempre necesitada de amor, pero ó mesmo tempo tenra e escintilante, quedamos coas súas películas, por incompletas que fosen, máis que co que ocorreu entre bambolinas.

MANUEL IEGUINECHE

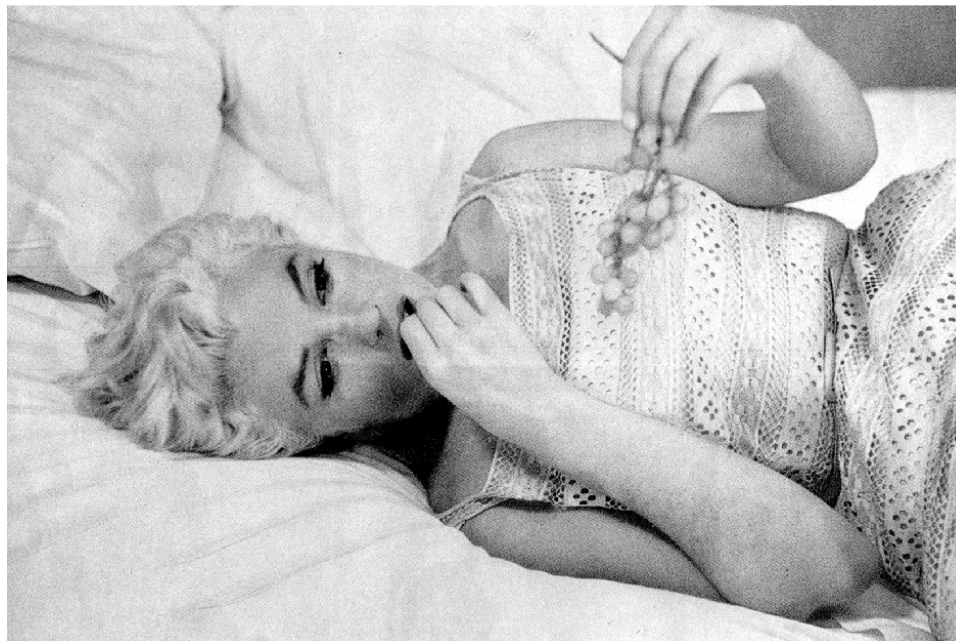


e

mpezou sendo un símbolo sexual do cine que ela, dotada naturalmente e acirrada pola desprotección emocional, explotou nas súas películas e na vida real, ata fundir realidade e ficción nun equilibrio fotoxénico de imposible estabilidade. Logo, trala súa morte, converteuse en mito. Non era para menos: en pouco máis dunha década creara un novo arquetipo e, o máis fascinante, dotalo de psicoloxía, algo que seduciu tanto ás grandes masas de espectadores como ós intelectuais, porque Marilyn Monroe estaba feita coa materia dunha fantasía cultural e as súas pezas —en aparencia incongruentes e desmedidas, contradictorias— encaixaban como as pezas dun puzzle. Agora, corenta anos despois do seu suicidio, Marilyn supera o estatus de mito e, sen perder unha farangulla do seu engaiolante fascínio, convértese en cine mesmo, probablemente o primeiro personaxe autenticamente cinematográfico que se fixo carne e óso nesa factoría de cartón-pedra que é Hollywood.

É certo que, como no caso de James Dean, a súa morte prematura e inesperada axudou a envolver a Norma Jane —auténtico nome de Marilyn Monroe— nunha aureola lendaria ou que, como na *divina* Greta Garbo, as propias circunstancias históricas lle outorgasen os favores do misterio, ese tapiz onde todo o imaxinable é posible. Estes nomes —ela, Dean e a Garbo— non aparecen de repente ó azar, senón por unha cuestión de olimpo de celuloide: os tres encarnan as vertentes máis rutilantes de cómo o cine teceu algunhas das máis decisivas iconas do século XX e —de momento, alomenos— do XXI. Pero se a estrela de Dean —pese á súa vixencia— está máis inzada de Literatura que de celuloide e Greta Garbo era demasiado divina para ser humana, Norma Jean representa en toda a amplitude —incluso con visos de caricatura— a desprotección e as contradicións humanas. Era a imaxe non só da muller, senón dun ser que transitaba un século onde a imaxe acabou por esmagar a carne.

Nacida en nos Ánxeles (California) o 1 de xuño de 1926, Norma Jean era filla dunha modesta obreira chamada Gladys que pasou parte da súa vida en casas de saúde mental. Nunca chegou a coñecer o seu pai. A infancia pasoulle a Norma Jean entre orfelinatos e fogares adoptivos, algúns deles habitados por un puritanismo que ela, xa desde a adolescencia, combateu co desaire da rebeldía se-



xual. Con todo, era unha nena de bo comportamento, cunha regularidade nos estudos normal e, incluso, con tendencia a escribir poesía. Gañou, incluso, un premio de redacción por *O can, o mellor amigo do home*, homenaxe ó seu único amigo: o seu can Tippy.

Rexeitada pola Sociedade Dramática do Val Nuys High School, o último instituto no que estudou, Norma Jean marcouse como primeira meta formar o fogar do que carecera ó longo da súa vida e casou, ós dezaseis anos, con Jim Dougherty, un irlandés cinco anos maior que ela que traballaba nunha factoría de avións. A segunda Guerra Mundial frustrou o seu soño de ser unha esposa perfecta e trasladase con Dougherty á illa Santa Catalina, onde el fora enviado como instructor físico. Ela, que era unha das poucas mulleres da base, converteuse alí nunha celebridade e o seu físico, que comezaba a amosar riscos de exhuberancia, deixaba atónitos ós soldados nos bailes dos sábados.

En Santa Catalina só permaneceu, sen embargo, uns meses ata que o seu marido debeu embarcarse con destino a Australia. Ela marcha vivir coa familia del e entra a traballar coa súa sogra nunha fábrica de paracaídas. En 1944, foi fotografada para exemplificar cómo as mulleres contribuían ó esforzo da guerra e un dos fotógrafos, David Conover, queda prendado dela e réalizalle varias instantáneas que, logo, encherán as páxinas de varias publicacións. Descubre ante a perspectiva do seu futuro un novo destino e abandona a fábrica. En 1946, divórciase e comeza unha nova vida. “O meu matrimonio”, dirá despois a actriz, “non me fixo desgraciada, pero tampouco feliz. O meu marido e mais eu case non falabamos e non o facíamos porque estiveramos enfadados o un co outro, senón porque non tiñamos nada que dicirnos”.

Empeza a ir a clases de modelo e o seu sorriso aparece en revistas como *laff*, *Peek* ou *See*. Por esta época coñece un fotógrafo húngaro, André de Dienes, co que fai unha viaxe polo Oeste para facer unha reportaxe fotográfica. O froito desa viaxe, que deu pé a un tórrido idilio entre ambos, foi unha reportaxe publicada por *U.S. Cámara*, *Pageant* e *Parade*. Norma causou sensación e acadou un certo estatus como modelo. As revistas disputábanse as fotografías daquela loura que, xa entón, adoptara as poses do erotismo cunha sensualidade moi persoal.

A súa protectora e conselleira daqueles anos, Emmeline Snively, propietaria da axencia de modelos na que traballaba, moldeaba a Norma Jean de acordo con novos patróns —tínxelle o pelo de platino— e arma campañas publicitarias co falso rumor de que a súa pupila mantén un idilio con Howard Hughes. Emmeline tamén lle atopa unha axencia en Hollywood e Norma Jean —alcumada xa Marilyn co apelido de solteira da súa nai, Monroe— sorprende a Walter Lang, que lle fai unha proba sen son para a Fox. “Sentín como un calafrío”, asegura Lang ó biógrafo de Marilyn, Maurice Zolotow. “Aquela rapaza tiña algo que eu non vía desde as películas mudas. Posuía unha especie de beleza fantástica como a de Gloria Swanson, cando as estrelas de cine tiñan que verse fermosas e nun só anaco de película irradiar tanto sexo como Jean Harlow”. A fox contrátala por un módico soldo de 75 dólares e durante uns meses andou polos estudos sen rodar un só metro de película, recibindo, iso si, clases de dicción e expresión corporal. A súa vida nocturna, por suposto, era intensa pero posuía unha vontade de ferro e levantábase a primeira hora da mañá para correr e ir ó ximnasio.

Tras serlle rescindido o contrato tras unha anecdótica participación na película *Scudda-Hoo! Scudda-Hen!*, un dos fundadores da Fox, o produtor Joe Schenck fíxose finalmente nela e propúxolle traballar para a Columbia no musical *Ladies of the chorus*, onde exhibiu os seus dotes para o canto e o baile. O mostrario, sen embargo, non lle serviu para recuperar a confianza da Fox anque lle proporcionaron un novo amante: o refinado Fred Karger, anque Karger—profesor de canto— a consideraba outra boneca loura e necia de Hollywood. A súa nova aparición nas pantallas foi en *Amor en conserva*, nunha fugaz escena con Groucho Marx, á que seguiron—coa Fox—o pésimo western *A ticket to Tomahawk*.

En 1949, un home irrompe na vida de Marilyn. Trátase de Johnny Hyde, da poderosa axencia Guillermo Morris, que se converte no seu amante e no seu mentor. El—que lle suplicou a ela inutilmente o matrimonio e lle prometeu convertela na herdeira da súa fortuna se accedía— conseguiuille papeis pequenos pero vistosos en *A xungla do asfalto* e *Eva espida*. Antes de morrer, Hyde consegue que a Fox lle renove o contrato—con 750 dólares á semana—e pague unha operación estética para limpar o seu rostro de asperezas, como un grao que tiña no nariz ou o retoque do barbigote, suprimíndolle un cartilago da mandíbula, creando así unha nova imaxe para a súa estrela.

E se, coa desaparición de Hyde, Marilyn de novo sucumbiu na confusión, sen atopar o papel que ela tanto anxeaba e compaxinando aparicións anecdóticas en películas de segunda con sesións fotográficas como modelo, a oportunidade chégalle, por fin, en 1952 con *Clash by night*, de Fritz Lang. O propio director esixiu que a RKO, lle pedise prestada a actriz á Fox para facer o papel de irmá de Bárbara Stanwyck.

Este papel coincide no tempo coa posta á venda dun calendario para o que Marilyn posara e que, nada máis saír, se converteu nun auténtico éxito multitudinario de vendas. Á estrea de *Clash by night*, ela ocupa xa a cabeceira do cartel—anque interprete un personaxe secundario—e a Fox, para aproveitar o tirón, para embarcala en catro películas de notable éxito comercial, pero escasa calidade, unha delas de Howard Hawks, *Síntome rexuencer*. A súa traxectoria está encarrilada e o éxito non tarda en chegar: será en 1953 con *Niágara* de Henry Hataway.

Se ben a actriz ía á sombra de Joseph Cotten e Jean Peters (os protagonistas da película), Marilyn cativou a mirada de todos cun papel no que lle dá unha volta de rosca ó arquetipo das vampiras clásicas do xénero negro. Trala súa apoteose, traballa na versión dunha célebre novela de Anita Loos, *Os cabaieiros prefírenas louras*, unha comedia musical dirixida por Howard Hawks con Jane Russell tamén como protagonista. O éxito foi tal que Marilyn se coloca entre as dez celebridades da vida americana. E a fama non fai máis que medrar... Confírmase con *Cómo casar cun millonario*, xunto a Betty Grable e Lauren Bacall. Marilyn convértese na muller máis famosa de Hollywood e para darlle máis dimensión ó seu personaxe, casa cun prestixioso xogador de béisbol, Joe Di Maggio. Van de lúa de mel a Xapón, onde ela era coñecida como "a honorable actriz das nádegas oscilantes" con parada en Corea para animar as tropas norteamericanas. "Tratoume como algo especial", dixo Marilyn de Joe, "e el era un home moi decente. Non estou segura de por qué casei con el... Eu teño tamén moitas fantasías de ser ama de casa". Marilyn e Joe eran tan distintos (el católico e ciumento, inimigo das recepcións e amigo de ir pescar cos seus amigos) que o matrimonio non tardou en naufragar.

A carreira cinematográfica da actriz, pola contra, ascendía sen parar. Era xa unha das máis taquilleiras da Fox e a actriz do ano para *Photoplay*. As desavinzas coa productora comezaron



cando a actriz se negou a rodar unha película na que non lle gustaba o seu personaxe e acrecentouse con outras dúas producións nas que rexeitou participar. Entraron en negociacións e, finalmente, chegaron a un acordo: subírle o soldo e poder elixir, de cando en vez, os seus traballos. É así como roda *A tentación vive arriba*, de Billy Wilder, onde interpreta unha inocente veciña da que se namora un solteiro tímido. O éxito foi, de novo, apoteósico e como recompensa, auméntalle o soldo e elixe para traballar só catro directores: George Cukor, John Huston, Billy Wilder e Joshua Logan. A decisión levaríaa a protagonizar a que, para moitos, é a súa interpretación máis sólida, *Bus Stop*, de Logan, que lle valeu o recoñecemento da crítica.

Afectivamente, e tralo rotundo fracaso con Di Maggio, Marilyn comeza unha relación estreita co fotógrafo Milton H. Greene, co que pensa independizarse dos estudos mediante a creación dunha productora independente. Milton aconséllalle tamén ir ó Actor's Studio de Lee Strasberg e Elia Kazan, que seguía o método de Stanislawski. Anos despois, o último marido da actriz, o dramaturgo Arthur Miller, acusaría ó Actor's de precipitar definitivamente a ruína psíquica da actriz.

É en 1956 cando Marilyn casa con Miller, un intelectual de esquerdas que tivera problemas polas súas ideas comunistas e co que a actriz acadou un estatus de heroína. Pero a relación estivo marcada, en todo momento, por unha dura competencia entre ambos, ambiciosos como eran e desexosos de desenvolver, cada un, as armas coas que foran dotados: nela, o corpo e nel o cerebro. Miller, ademais, non aceptaba a compañía de Milton, co que, en 1957, a actriz cumpriu o seu soño de crear a productora independente: a Marilyn Monroe Inc. O debut foi con *O príncipe e a corista*, rodada en Londres e protagonizada e dirixida por Laurence Olivier. O filme obtivo un relativo éxito.

En 1958, regresa a Hollywood para participar en *Con saias e a rachar*, de Billy Wilder, unha rodaxe tormentosa na que actriz amosaba, por vez primeira, unha difícil estabilidade psíquica. O seu papel, sen embargo, será un dos máis celebrados da súa carreira. A partir de aí, todo comeza a cruzarse na súa vida. A Marilyn Monroe Inc. rompe tras Miller despedir a Milton e o propio matrimonio da actriz co dramaturgo comeza a romper. A crise acentúase na rodaxe de *O millonario*, durante a que vive un romance co actor francés Yves Montand, aireado profusamente pola prensa da época.

Camiño xa dunha rúa cega, roda *Vidas rebeldes*, un wester crepuscular escrito polo propio Miller cun reparto no que, ademais da Monroe, participaban Clark Gable e Montgomery Cliff. Será a súa última película, tamén a de Gable. Marilyn soportou a duras penas a rodaxe e tivo que ser hospitalizada durante unha semana por esgotamento nervioso. Ó acabar, anunciou oficialmente a ruptura do seu matrimonio con Miller.

A depresión acrecentábase co divorcio e a actriz pasa dun home a outro (Franck Sinatra, entre eles) ata ingresar nunha casa de saúde mental, de onde é rescatada por Di Maggio. Comeza unha nova rodaxe—a inconclusa *Something's got to give*—e, por medio de Sinatra e Peter Lawford, coñece a Kennedy, ó que lle canta o *Cumpreanos feliz* nunha festa multitudinaria.

Esta última relación, e o feito de que ela intentase chamar á Casa Branca antes de suicidarse con Nembutal, fixeron ver estranhas relacións entre os Kennedy e a morte da actriz, nunca comprobadas. Era o 5 de agosto de 1962 e Marilyn soñaba con dirixir as súas propias películas, con ser ela a única responsable do seu traballo. Por ser independente.

S_nOIAE a.r.ÍOPEZ

Os mitos femininos non morren nunca. Entre outras moitas cousas, porque os gustos son cíclicos e volven unha e outra vez a poñerse de manifesto e triunfar. Curioso é ver como, na antigüidade, a Venus de Willendorf dá paso axiña ó modelo oposto de L'Espugue –sempre o enfrontamento delgadeza-gordura–, sen a penas transición graduada. Pasaba daquela, pasa entre os gregos e romanos, e pasa no dazaoito e no dezanove. Lembremos unha das deusas: madame de Pompadour. Era abondosa, moi branca, inspiraba tenrura e desataba paixóns multitudinarias que ela, sempre amable, sempre bondadosa, procuraba cumprir na medida do seu calendario de citas. En medio de tan brava biografía, corrían mares de Dom Perignon –“o champán é o mellor cosmético para unha muller”, dicía–. Menos san era o alcohol que inundaba os garitos do Chicago dos anos vinte de Capone. As mulleres de saia curta e meneo de charleston puñan o acento de ‘felices’ coa súa galanura estilizada, substituindo novamente a gracia rubensiana das damas victorianas. Marilyn Monroe marcou unha cota intermedia. Non era nin grossa nin delgada. Tiña uns peitos que fixeron estender a famosa máxima castelá de “en la mano quepa”. Tiña unhas pernas coma mimbios, con músculos de aceiro. Non obstante, gozou sempre dunha barriguiña que coroaba ese novo arquetipo *middle blonde on fats* do que foi raíz. Ese arquetipo vale perfectamente para hoxe mesmo. Fronte a unha tendencia anoréxica –à la Moss– que se esvae, renace, por enésima vez, a fartura que remove as endorfinas do cerebro, ou o sexo como unha das drogas máis eficientes.

XURXO FERNÁNDEZ



rdi

revista das letras 430



rdi

Suplemento do O Correo Galego que aparece os xoves. Coordinación: A.R. López, Rosa Navia e Soledade Noia. Diseño: Antón Lepo e Carme Botana. Maquetación: Carme Botana. Fotografía: Chico Miras e Chicho Seoane. Información: Teresa Tojo, Fran Domínguez e Alberto Rivadulla.
E-mail: Rdi@elcorreogalego.es

Leni Riefenstahl

¿Como xulgará a historia a Leni Riefenstahl?

Os seus contemporáneos xa o fixeron e atopárona culpable: culpable de ser un instrumento da propaganda dos nazis e amiga persoal de Hitler, que a seduci polo súa “enerxía e positivismo”, como ela logo o describirá nas súas memorias. O que ninguén pon en dúbida é o fascinante magnetismo do seu traballo, tanto na fotografía como cine. O seu futuro adiviñábase esplendoroso no cine cando en 1925, ós 23 anos, fixo a súa primeira aparición ante as cámaras e foi considerada, de forma inmediata, unha gran actriz, moi atrevida para a época, con películas como ‘Tormenta sobre o Mont Blanc’ ou ‘O inferno branco de Piz Palau’. Logo, pasaría a dirixir as súas propias películas, nunha traxectoria sen parangón no mundocda época. Se Leni Reinfenstahl seguira a senda de Lubitstc, Billy Wilder, Marlene Dietrich ou outros realizadores alemáns, que emigraron a América a partir da ascensión do nazismo, a súa vida e a súa obra serían moi distintas. Pero ela fixo o camiño inverso e aliouse con Hitler, como millóns de alemáns. Esa foi a súa perda. En 1934, el deulle a oportunidade de filmar unha película con todos os medios do partido nazi á súa disposición. Esa película foi ‘O triunfo da vontade’, sobre o IV Congreso dos nazis en Nuremberg, que serviu para canonizar o dictador e o seu perverso sistema. Xa con Hitler no poder, Leni Reinfenstahl foi a encargada de realizar ‘Olimpia’, a película sobre os Xogos Olímpicos que se celebraron en Berlín en 1936 e pola que recibiu unha augación de premios internacionais. Esta película segue considerada como unha das vinte mellores da historia do cine. Ó acabar a guerra, foi xulgada polos aliados e condeada ó ostracismo. Hoxe, en vésperas de cumprir cen anos o vindeiro 22 de agosto, Riefenstahl arrepiñtase “ó cento por cento” de ter coñecido a Hitler, fonte e causa –subliña nunha recente entrevista para o Frankfurter Rundschau– “de todos os meus padecementos despois da guerra”. Lamenta o seu apoio ó dictador co documental sobre o congreso nazi –aunque daquela “era un partido recoñecido internacionalmente”– e prepárase para estrear a primeira película que dirixiu tras cincuenta anos sen poder desenvolver o seu traballo: un documental de submarinismo –práctica que iniciou ós 71 anos– ó que lle puxo música Giorgio Moroder. A Riefensthl, o éxito, agora, dálle igual: o seu estado de saúde está deteriorado despois de tres operacións de columna vertebral e volverse maior parécelle “horrible”. O éxito, sen embargo, vai ser inevitable: non só o do seu documental, senón tamén o da súa vida, motivo dunha película que se prepara en Hollywood e que estará protagonizada por Jodie Foster. ¿A súa única preocupación?: “Hollywood non quere asegurarme que nesa película se dirá a verdade”.



A xénese de Olimpia

1935: O profesor Carl Diem e o Comité Olímpico Internacional ofrecéronlle a Leni Riefenstahl a realización do documental dos XI Xogos Olímpicos, que se ían celebrar na Alemaña. Diem era secretario xeral do comité organizador das olimpíadas e, ata os anos cincuenta, un coñecido funcionario do deporte alemán. Ó principio, Riefenstahl dubida, porque non quere facer máis documentais, pero finalmente acepta: atráelle a idea de facer que as distintas competicións conformen unha película convincente desde o punto de vista artístico e deportivo. Ela asina un contrato de distribución coa sociedade cinematográfica Tobis, que lle ofrece a fabulosa cifra de 1,5 millóns de marcos en concepto de garantía. Para a produción da película, funda unha produtora co seu irmán Heinz e recibe o apoio financeiro do Ministerio de Propaganda do Reich e a súa empresa, por motivos fiscais, traballa como sociedade fiduciaria para Reich.

1936: Para prepara-las películas da *Olimpiada*, asiste como espectadora ós Xogos Olímpicos de inverno en Garmisch-Partenkirchen. Contrata a 42 operadores, entre outros unha vez máis a Walter Frentz, Guzzi Lantschner, Hans Ertl e Willy Zielke, que entre 1934 e 1935 rodaran un filme experimental *A besta de aceiro*. Nos meses anteriores ós Xogos, os operadores realizan un adestramento especial, exercítanse en capta-los rápidos movementos dos deportistas durante os adestramentos e en reunións deportivas, experimentan con distintos emplacements da cámara e con diferente material fotográfico. Un pequeno equipo con Leni Riefenstahl á cabeza viaxa en xullo a Grecia para filma-lo acendido do lume olímpico no pequeno bosque de Olimpia. Como os automóviles impiden ve-lo altar, faise preciso filmar máis tarde outra vez a escena cun portador de facho na costa de Curiandia, no Mar Báltico. Willy Zielke filma tamén alí as escenas das bailarinas do templo e dos lanzadores de disco e xavelina que aparecen no prólogo. O 1 de agosto inaugúranse os Xogos Olímpicos. Filmanse todas e cada unha das 129 competicións que se celebran repartidas en seis escenarios distintos en Berlín, Döberitz e Kiel. O equipo de filmación está composto por operadores, axudantes, choferes, tres directores executivos, enxeñeiros de son, ...-en total son unhas 150 persoas. Nunha maqueta do estadio olímpico, a realizadora establece as distintas localizacións de cámara. Organiza así mesmo un tráfico incesante entre o cuartel principal da plana maior do equipo, no castelo de Ruhwald, o estadio e o laboratorio, para que o material fotográfico xa impresionado poida ser avaliado ese mesmo día. Os operadores especialízanse cada un en diferentes disciplinas: Hans Ertl céntrase nas carreiras de atletismo e natación, Walter Frentz filma a Vila Olímpica, a regata, a vela e o maratón. Guzzi Lantschner roda coa cámara manual a equitación, a ximnasia, a natación e o remo, Kurt Neubert especialízase en secuencias a cámara lenta, Hans Scheib traballa co novo teleobxectivo de 600 metros e Leo de Laforge filma o público que o noten cunha pequena cámara. Hans Ertl inventa unha cámara submarina e unha cámara-catapulta (que non foi admitida polos xuíces) para os saltos de trampolín. Os operadores deseñan cubertas para as cámaras que atenúan o zunido do mecanismo de arrastre, dispoñen pistas e raís de esvaramento para as tomas en movemento, por exemplo, en torno ó enreixado metálico dos lanzadores de martelo. As competicións de remo ródanse desde unha pasarela de 100 metros, e cada día elevan un globo do estadio cunha cámara que capta a vista total. Para algunhas tomas no interior do estadio levántanse torres. Cámaras con distintas velocidades que van das 24 ás 120 imaxes por segundo que permiten captar inusitadas imaxes a cámara lenta. A maioría das escenas rodáronse durante as competicións reais, só unhas

poucas, debido a dificultades técnicas, son filmadas antes ou despois, como a carreira dos 1500 metros e o salto de pértiga do decatlon, pois celébranse pola noite e non está permitido colocar focos durante a competición. Ou algunhas especialmente difíciles, como as finais de natación, que se rodan durante os adestramentos e despois engádeselle-lo son orixinal.

1937: Ó longo de dous anos, Riefenstahl ve, arquiva e monta o material filmado no laboratorio fotográfico Geyer. Alí ten á súa disposición catro salas de montaxe, unha sala de proxeccións e unha cantina, todas elas provistas da técnica máis moderna. A cantidade de material impresionado é tan grande –en total 200 horas de película– que parece imposible comprimilo con éxito nunha longametraxe normal. O seu obxectivo é realizar unha película satisfactoria desde o punto de vista artístico que esperte o interese dos non deportistas e emocione os espectadores de tódalas nacións. A partir dese extenso material, realiza unha película dividida en dúas partes, sen abandona-los principios dramáticos do cine non documental, para presenta-las distintas e, ás veces, longas competicións de xeito esixente, emocionante e apropiado. Mediante a montaxe das tomas dos saltos de trampolín, realizadas con tres cámaras e diferentes velocidades, consegue, por exemplo, unha continuidade de movementos que fai que os saltadores se asemellen a paxaros voando no ceo. A cámara déixase guiar en ocasións pola obxectividade da reportaxe e noutras pola subxectividade, e as impresións e os primeiros planos do público transmiten con autenticidade a atmosfera no estadio. Para a banda sonora, Riefenstahl mestura a música de Herbert Windt e Walter Gronostay, o son orixinal das competicións e algúns comentarios. Contrata como locutor, entre outros, ó periodista Henri Nannen, que a partir de 1948 será o editor da revista *Stern*. Durante o proceso de montaxe recibe a visita de Goebbels, que lle dá ordes de elimina-las imaxes de Jesse Owens, o deportista negro gañador de varias medallas. Né-gase, do mesmo modo que se nega a elimina-las imaxes de Hitler cando llo esixe a distribuidora francesa, porque non acepta imposicións na súa obra artística. Aparece no Deutscher Verlag de Berlín, en cinco idiomas e cun prólogo de Leni, *Beleza das competicións olímpicas*, un libro que contén numerosas fotografías dos xogos olímpicos.

1938: A estrea das dúas películas sobre a Olimpiada, *Festa dos Pobos* e *Festa da Beleza*, celébrase o 20 de abril na UFA-Palast en Berlín-Zoo, o día no que Hitler cumpre 49 anos. Despois Leni Riefenstahl viaxa por Europa coas súas películas e proxéctasas con grande éxito en Viena, Graz, París, Bruxelas, Copenhague, Estocolmo, Helsinqui, Oslo, Venecia, Roma e Bucarest. Durante a súa xira, dá conferencias na Universidade de Lund, na Casa de Alemaña en París e Graz. En novembro viaxa ós Estados Unidos coas películas da Olimpiada, en busca dun distribuidor. Ó chegar a Nova York sabe polos xornalistas dos acontecementos da noite do 9 ó 10 de novembro en Alemaña, a *noite dos cristais rotos* na que numerosas sinagogas, cemiterios, casas e tendas de xudeus foron destruídas e máis de 30.000 persoas foron detidas. Pero non lle outorga ningunha credibilidade a esas noticias e viaxa a Nova York, Chicago, Detroit, Os Ánxeles, Hollywood, Palm Springs e San Francisco. A liga anti-nazi e numerosos emigrantes alemáns, entre eles Fritz Lang, maniféstanse en contra das proxeccións das películas da Olimpiada. Con todo, coñece os produtos de Walt Disney, o director King Vidor e a Henry Ford. Pese ás protestas, logra asinar un contrato de distribución coa empresa inglesa British Gaumont pouco antes de regresar á casa.

.....
Extracto da biografía de Riefenstahl. Cinco Vidas. Taschen (2000)



A danzarina

Fotografías da súa interpretación do 'Vals Capricho' que lle dedicou o compositor e pianista Feruccio Busoni, e de 'Estudio sobre unha gavota' con música de Gluck e Brahms. En 1923, Max Reinhardt ofrécelle un contrato dunha semana no Deutsches Theater de Berlín. Era a primeira vez que Reinhardt lle ofrecía o teatro a unha bailarina.



A actriz

Fotografías da aparición de Leni Rein-festahl en 'A montaña santa' (1926), 'O gran salto' (1927) 'Tormenta sobre o Mont Blanc' (1930) e 'SOS iceberg' (1933).



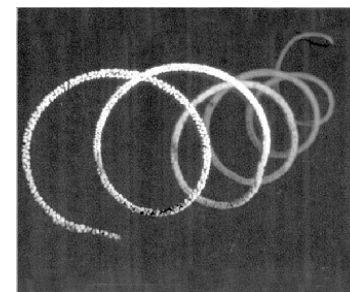
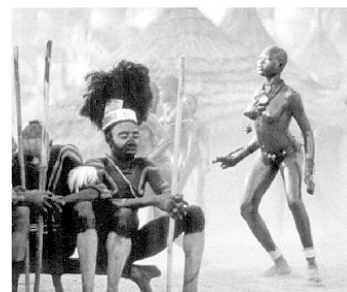
A directora

Imaxes das súas películas 'A luz azul' (1932), 'O triunfo da vontade' (1935) e 'Olimpia' (1938).



A fotógrafa

Fotografías do seu traballo coa tribo dos Nuba no Sudán e do documental sub-marino que estreará o día 22.



P

arece como se vivira varias vidas que me levaron polas alturas e profundidades e nunca me deixaron descansar". Neste mes de agosto cúmprense cen anos do nacemento de Leni Riefenstahl (Berlín, 1902): a productora preferida de Adolf Hitler e a "máis moderna cineasta de todos os tempos", en palabras do estadounidense George Lucas. E segue aí: vivindo unha das súas cinco vidas, negando cunha inxenuidade inverosímil que nunca quixo rodar *O triunfo da vontade* (1934), que o fixo a petición dos constantes rogos de Hitler e que sempre ignorou os excesos antisemitas da Alemaña nazi. Puidera ser que, como di, só a existencia da arte teña algún significado na súa propia existencia. Pero ninguén se esquece que tamén estivo alí, no medio, entre Goebbels, ministro de propaganda do Terceiro Reich e Hitler. Tamén, a ninguén coma a ela, lle pasou tanta factura estar á sombra da esvástica: interpuxo, ó longo da súa vida, máis de cincuenta querelas de difamación das que gañou todas menos unha —a relacionada coa utilización de xitanos dun campo de concentración alemán como extras durante a gravación da súa película *Tiefland* (*Terra Baixa*)— e nin unha soa das once películas que pretendeu levar a cabo entre o 1950 e 1964 puido realizarse. Sería esta a súa terceira vida, marcada pola estética de vangardas, o fascio que tamén seducira a Risco ou Cunqueiro. Unha auténtica obsesión pola estética que a convertera en bailarina clásica ós vinte anos ou levaría, na súa actual quinta vida, a mostrar a beleza dos fondos submarinos. "Quixen fixar o fermoso, que é o perecedoiro. Todo o demais entristéceme", mantén hoxe nunha tese que evidencia como privilexiou sempre a indagación estética sobre calquera outra consideración.

Sobre ela abrolla a necesidade de verter a forza dun pensamento negativo, que volve sobre "o aquilo que é" para virar "distinto de si": asentada a súa xenialidade na exaltación do ideal nazi devén o seu talento creador e a excepcionalidade dunha vida nun momento no que o lugar da muller é a casa, entendida esta —tal e como apontoa Alborch— como a patria enteira, é dicir, a Alemaña toda. Daquela, abríase con finalidades eugenésicas, escolas de noivas para as futuras mulleres das SS e os matrimonios contraíanse en nome do Estado. Daquela tamén, mentres as mulleres puras contribuían á rexeneración da raza, as impuras serían sacrificadas.

A súa ambición e firmeza de carácter aflorou en Riefenstahl no andar da vida na que vivía, contra os desexos da súa familia, polo teatro e a danza, sendo unha das alumnas máis avantaxa-



Durante a rodaxe de 'Olimpiada'



Leni Riefenstahl na actualidade



Con Hitler durante a rodaxe de 'O triunfo da vontade'

das da ex bailarina de San Peterburgo, Eugenie Eduardova: iniciouse ós 19 anos pero nada lle impediu debutar como solista un 23 de outubro do 1923 en Múnic empezando unha xira que a levaría polos principais teatros de toda Europa. "Na miña xuventude fun unha persoa feliz, crieime como unha filla da natureza entre árbores e arbustos, con plantas e insectos, protexida e resgardada", escribe nas súas memorias dun momento na que a súa vitalidade puña constantemente a proba o seu pai, Alfred Riefenstahl, un acomodado empresario berlinés e a súa nai, Berta Sherlach. "Propúxennme adestrar duro (...) e sobre todo demostrarlle ó meu pai que me convertería nunha boa bailarina e que non facía nada deshonroso, que era o que el tanto temía", afirma.

Co cineasta e xeólogo Arnold Fanck, Leni descubriu para a súa segunda vida, os segredos da dirección cinematográfica. "Confusa e chea dun novo anhelo saín do cine. Pola noite estiven moito anaco sen prender no sono. Reflexionaba sobre se realmente era só a natureza o que me fascinaba ou a arte con que fora feita a película". A épica da terra e a fotoxenia da natureza creada polo doutor Fanck culminou na Riefenstahl, quen xa debutara no 1925 nas súas películas: *A montaña sagrada* (1926), *O gran salto* (1927), *O inferno branco de Piz Palù* (1929) ou *Tempestades sobre o Montblanc* (1930), coa que superou o paso ó cine sonoro. "Fanck ensinoume que se podía fotografar todo. Tratábase de fuxir da rutina e velo todo, na medida do posible, con ollos novos", apunta nunha cita recollida en *As mulleres dos nazis* de Anna María Sigmund.

No 1931, puxo a andar a súa propia productora e, anque a amnesia sexista se resista, converteuse unha excepción no seu tempo: ¿ou acaso era moeda común que unha muller merecera a Medalla de Prata na Bienal de Venecia do ano 1932? Mereceuno con *A luz azul* (*Das Blaue Licht*): todo un éxito de crítica e público, manténdose en cartel catorce meses en París e deza-seis en Londres. *Luz azul* ou *O monte dos mortos*, onde aparece como intérprete e directora, é a historia dunha moza Yunta, que descobre o segredo da luz do Monte Cristalio que ten atemorizados ós campesíños e que é debida ó arrendo dos cristais de rocha dunha gruta nas noites de lúa chea. Cando o seu amante lles descubre a secreta gruta ós campesíños, Yunta morrerá despenada por un precipicio... A crecente ideoloxización do cine alemán non escaparía a esta aventura montañeira.

O frenético romanticismo da alma alemana, apunta Roman Gubern na súa *Historia do Cine*, domina este ciclo montañeiro, coa súa impoñente solemnidade formal, épica e wagneriana. É o mundo da Riefenstahl. Atrás, nos seus anos de adolescencia, o Goberno socialdemócrata asasinara na cadea unha das teóricas do comunismo marxista, Rosa Luxemburgo. Un feito ó que lle seguirían os sucesivos fracasos da Internacional Socialista por conquistar o poder en Alemaña. A chegada de Hitler no 1933 supuxo a disolución do partido comunista, sendo os seus militantes e simpatizantes purgados nos Lager, os campos de exterminio nazi ou fuxindo cara ó exilio como Bertolt Brecht, Thomas Mann ou Fritz Lang.

Un ano antes a que sería "a directora do diño" coñeceu o demo, a Hitler: "embruxaba a xente. Vin a moitos que estaban en contra de Hitler, pero cando falaba con el entusias mábanse", comentáballe en decembro do ano 2000 a un xornalista de *El País*. Naquel ano do 1932, Leni escribelle unha carta onde deixa constancia da súa admiración e desexo de coñecelo. A resposta do *führer* supuxo o seu primeiro encontro, nunha praia do mar do Norte, converténdose dende aquela nunha asidua ás festas e reunións do Partido Nacionalsocialista Obreiro Alemán. ¿Como non decatarse das atrocidades? ¿Como manter que ignoraba os campos de exterminio cando documenta no 1935 o congreso no que se promulgaron as leis raciais que estableceron as bases do Holocausto? ¿Como non ía ser recibida no 1938 en Estados Unidos como unha delegada nazi e boicoteada a súa *Olimpiada*, máis ó coincidir a visita coa agresión ós xudeus na Noite dos Cristais Rotos do 9 ó 10 de novembro do 1938? "É que a nós ninguén nos informou con anterioridade

sobre os campos de concentración", argumenta á altura do século XXI.

"Para min foi desconcertante experimentar o inmenso poder hipnótico de Hitler sobre os seus espectadores. Era tenebroso, e a chispa tamén saltou cara a min", engade sobre o primeiro encontro co austríaco. A atracción resultou mutua. Por mor dos contactos nacería *O triunfo da vontade*: un documental sobre o congreso do partido en Nuremberg de 1934, que lle valería a concesión da Medalla de Ouro da exposición Internacional de París de 1937. Hoxe, a centenaria cineasta conta a súa versión de cómo o mesmísimo Hitler "lle rogou" documentar os cumios nacionalsocialistas.

É *O triunfo da vontade*, un título senlleiro da propaganda política directa, práctica inmediata e habitual nos totalitarismos e de xogo explícitos nas democracias en crise, tal e como se ofrece na inminencia prebélica de Francia a partir do 1938 ou na Gran Bretaña da guerra. A importancia da montaxe, a manipulación das imaxes documentais, a posta en escena predeterminada ou o explícito collage entre fragmentos documentais e ficcionais desbota a consideración dun tipo fílmico chamado sen máis documental. Quizais o nacionalsocialismo só produciu tres talentos adoutrinadores: Fritz Hippler, Veit Harlan e Leni Riefenstahl. E Wagner, presente en todo, coa súa mostra ambivalente do antikapitalismo romántico, ideoloxía dunha burguesía antiburguesa onde se mesturaba a utopía social da Revolución do 48 co mito retrospectivo das orixes nacionais, a fraternidade universal co antisemitismo, o humanismo optimista de Feurbach co pesimismo nihilista de Schopenhauer.

Wagner estaba tan presente en todo —relata Sebreli en *As aventuras da vangarda*— que Riefenstahl elixiu a Cabalgata das valquirias como música de fondo do descenso dos ceos de Hitler en Nuremberg e a UFA seleccionou o mesmo tema para os noticiarios sobre a ocupación de París. O filme da Riefenstahl mostra a aparición, entre as augas do océano celeste, do paxaro de aceiro que conduce o Señor de Alemaña e que aterra en Nuremberg, entre o entusiasmo dos seus adoradores terrestres. A cineasta, aclara Gubern, dálles un acento pagano a estas imaxes de inspiración bíblica, grandilocuentes pero en ocasións impresionantes.

Para Sebreli as visións cinematográficas de *O triunfo da vontade* (1935) e *Olimpiada* (1937) constitúen un exemplo paradigmático da arte reflectida á realidade, e á súa vez da realidade reflectida na arte. O primeiro pretendeu ser a documentación dun acontecemento, cando en realidade este foi organizado co obxecto de reproducilo. O que pasou por "cine de verdade", segundo a propia Riefenstahl, fixo dese acto, espectáculo: unha foto de Hitler coa Riefenstahl inclinados sobre uns planos preparan conxunta e respectivamente acto e filme. Susan Sontag, no seu ensaio *Fascinante fascismo* escribe: "En *O triunfo da vontade*, o documento (a imaxe) non só é o rexistro da realidade, senón que é unha razón polo que a realidade se constrúe e debe, posteriormente, substituíla". Tamén os escritos de dous colaboradores da Escola de Francfort, Benjamin e Kracauer descubren os recursos estéticos usados polo fascismo para a fascinación das masas. Así Kracauer complementa a Benjamin en *De Caligari a Hitler* ó analizar *O triunfo da vontade*: "O filme tamén inclúe imaxes de ornamentos de masas (...). A énfase neses ornamentos viventes pode ser explicada pola intención de cativar o espectador coas súas cualidades estéticas e leválo a crer na solidez do mundo da esvástica". Riefenstahl tardou tempo en distanciar de Hitler. Foi no 1937, cando lle escoitou que o

dictador descualificara as obras dos seus pintores favoritos, Van Gogh e Goya, como "arte dexenerada" ó que apuntou: "¡Por Deus, non pode ser certo que dixera iso!". Claro que, parafraseando a Monserrat Roig, con Van Gogh admitimos que as árbores son azuis e a herba, vermella.

¿Limitouse Riefenstahl a reflectir o que rexistraron as súas trece cámaras ou acabou por magnificar o acontecemento, non só pola montaxe, senón con indicacións para a posta en escena? "Eu só filmei o que vía. Nin unha soa vez pensei en política", mantén sobre o abraiante documento de dúas horas que, apunta Gubern, "nos fai evocar o terrible *mundo novo* que esbozou Lang en *Metrópolis*, con fantasía de visionario.

"A antorcha era levada desde o templo de Zeus ata o Berlín do 1936. Unha ponte desde a Antigüidade ata a idade contemporánea. Así sentín visionariamente o prólogo da miña película olímpica". A petición do comité organizador dos XI Xogos Olímpicos de Verán que deberían celebrarse en Berlín no ano 1936, Riefenstahl rodou *Olimpiada*, un documento de singular beleza que dividiu en dúas partes: *a festa dos pobos* e *a festa da beleza*. Unha beleza que tamén rexistrou na cadea de victorias do atleta negro Jesse Owens. Todo un canto ó corpo e á beleza do esforzo aínda sen superar: "móstranos con gran rigor documental, valéndose de longos teleobxectivos, os pequenos detalles, os preparativos das probas, os nerviosismos, os xestos e tics do fúhrer durante as competicións, recollidos cunha inusual veracidade e sobre todo o triunfo sensacional do atleta negro Jesse Owen ante a plana maior dun réxime que, executivo do doutrinario Rosenberg, se empeña en soste a superioridade da raza aria", sinala Gubern na súa *Historia do cine* cunha advertencia final: "ningún cineasta alemán será capaz de alcanzar a solemnidade épica da Riefenstahl nos seus filmes de propaganda".

Trala segunda Guerra Mundial, foi encarcerada e sometida a diversos procesos contra os nazis. A estrela esváese. A xenialidade das súas obras uníase indisolubles á arrepiante exaltación da causa nazi. Foi considerada cómplice, anque non implicada, empezando unha nova loita na defensa da súa reputación e os dereitos das súas películas. "De repente calumniouseme como nazi suprema, como unha líder que, tal Xoana de Arco, avanzaba coa bandeira cara á victoria", recorda. Abandona, por imperativo obvio, o cine e pasa á fotografía: outra vida que arranca dende os anos sesenta, conseguindo o seu recoñecemento internacional gracias á publicación das fotografías da tribo dos nuba do Sudán. Certamente estaba baixo sospeita e non faltou quen cría ver nas imaxes dos esveltos corpos africanos unha resurrección das artes da época nazi. Aínda así o Art Directors Club declarou o mellor traballo fotográfico do 1975. "A miña época nas montañas de Nubia foi o período máis fermoso da miña vida", sentencia sobre unha nova páxina do seu existir na que tamén coñece o mozo cámara Hort Kettner, corenta anos máis novo ca ela, con que comparte a súa axitada vida. Hai vinte anos, ó cumprir os oitenta, Leni escribe as súas *Memorias*. Hoxe, ós cen, a que comezara como protagonista en catro películas de aventuras de alta montaña, está terminando de montar *Impresións debaixo da auga*, unha película de 45 minutos para a que fixo máis de dúas mil inmersións. A data da estrea: o 22 de agosto do 2002, o día en que cumpre anos.

a.r.ÍOPEZ.es.noia





revista das letras 431

¿Por que se chegou a esta situación nun tempo tan breve? A queima de combustibles fósiles bota á atmosfera unha media de tres quilos de carbono por persoa e día. Os combustibles fósiles quéimanse case exclusivamente para producir enerxía que, no primeiro mundo, se consome sete veces máis por habitante que no terceiro mundo. O modelo económico e productivo dominante identifica benestar con expansión e a expansión con consumo de enerxía crecente (desde principios de século multiplicouse por trinta). O 75% de enerxía que se utiliza procede de combustibles fósiles: petróleo (32%), carbón (26%) e gas natural (17%) que producen unhas 6 Gt anuais de CO₂. Sen planificalo, atopámonos cos límites do sistema económico actual, bastante antes do anunciado esgotamento dos recursos. A única defensa razoable ante o cambio climático é a redución drástica de emisións de dióxido de carbono, cambiando o sistema enerxético e por tanto económico, renunciando á devoradora filosofía do desenvolvemento sen límites.



Suplemento de O Correo Galego que aparece os xoves. Coordinación: A.R. Lopez, Rosa Navia e Soledade Noia. Deseño: Anton Lopo e Carme Botana. Maquetación: Carme Botana. Fotografía: Chico Miras e Chicho Saorano. Infografía: Teresa Tojo, Fran Domínguez e Alberto Rivadulla.
E-mail: Rdi@elcorreogallego.es

CLIMAX



O futuro xa está aquí

OITO MILLÓNS DE PERSOAS MORRERÁN, A CONSECUENCIA DO CAMBIO CLIMÁTICO, EN DEZ ANOS. O NÚMERO DELAS BAIXO O RISCO DE INUNDA-CIÓN MEDRARÁ DA ACTUAL CIFRA DE TRECE ATA 94 MILLÓNS. A SUBA DA TEMPERATURA E O AUMENTO DO NIVEL DO MAR ARRASARÁN ILLAS, ARRE-CIFES DE CORAL, MULTIPLICARÁN A CIFRA DOS 420 ECOSISTEMAS HOXE MINGUADOS, CAMPARÁN FENÓMENOS METEROLÓXICOS ESTREMOS E ASENTARANSE ENFERMIDADES COMO A MALARIA, DENGUE, FEBRE AMARE-LA OU ENCEFALITE: 1300 MILLÓNS DE PERSOAS, A MAIORÍA EN ÁFRICA, ASIA

CENTRAL E ORIENTE MEDIO, NON TEÑEN NA ACTUALIDADE ACCESO Á AU-GA. ¿QUE PASA? ¿QUE PASARÁ? ¿QUE PENSAR –COMO SE PREGUNTAN MOITOS TEÓRICOS DO MOVEMENTO ANTIGLOBALIZACIÓN– DE QUIOTO OU RÍO? ¿QUE PENSAR ANTE MEDIDAS QUE TEÑEN NAS LEIS DO MERCADO A FÓRMULACIÓN PARA REDUCIR A CONTAMINACIÓN? ¿COMPRAR COTAS DE EMISIÓN? FÁLASE DE RÍO PARA CANDO RÍO-1 SEXA OUTRO ESPECTÁCULO MEDIÁTICO. ¿POR QUE RESULTA TAN DOCE, COMÚN E CÓMODO AFACERSE ÁS PREVISIÓN APOCALÍPTICAS?



Imaxe das recentes inundacións en Alemaña



Exemplo do proceso de desertización en España (Guadalaxara)

¿Que pasa?

No último medio século, a humanidade atopouse ante a posibilidade de autodestruírse e a inédita condición de ter conciencia diso. E dicir, tal como advirte o arquitecto e profesor italiano Ezio Manzini, de saber que as armas atómicas e a crise ambiental poden non só desviar o camiño da historia, senón incluso representar a fin da propia historia. A cita, lonxe dunha simple proclama apocalíptica, vén avalada coas novas investigacións, como a do modelo climático do centro Hadley, que augura a desaparición de boa parte dos bosques tropicais, polo aumento das temperaturas e a diminución das precipitacións, con impactos potencialmente moi graves sobre a biodiversidade e o clima planetarios. Hoxe 1.300 millóns de persoas, a maioría en África, Asia Central e Oriente Medio, non teñen acceso á auga (unha cifra que se duplicará para o ano 2025 polo aumento das secas e no que hai que ter en conta que un 80% das enfermidades –que matan entre 4 e 7 millóns de persoas ó ano– están relacionadas coa auga). O nivel medio do mar subiu nos últimos dez anos de 10 a 25 centímetros debido en gran parte á suba das temperaturas entre 0,3 e 0,6 graos desde 1860: o aumento propicia a formación de maremotos e o incremento de inundacións como as que azoutaron toda Europa Central, que cada ano padecen uns 46 millóns de persoas anque a cifra se duplicará cunha suba de 50 centímetros do nivel do mar. O descenso da produtividade agraria agrava a desnutrición que na actualidade afecta a 800 millóns de persoas. Máis de 420 ecosistemas sofren hoxe o impacto do cambio climático, segundo o último informe do Programa das Nacións Unidas sobre Medio Ambiente. Un estudio recente constata unha redución da fecundidade e unha elevación da mortalidade de aves migratorias, relacionadas cos episodios do Neno, ó reducirse a dispoñibilidade de alimentos: algunhas mortes masivas de aves mariñas en California atribuíronse á escaseza de comida provocada polo calentamento do mar. A década dos noventa, anos nos que na península Ibérica aumenta case nun grao a temperatura e se elevan as precipitacións invernales no norte, foi a máis cálida do último milenio: ás imaxes dos osos polares e caribús en perigo de extinción únese a da diminución nun 14% da superficie xeadada do Ártico e dun 42 por cento na súa espesura media nos últimos anos. Increméntanse os fenómenos meteorolóxicos extremos mentres van desaparecendo os bosques tropicais, en especial no norte de Latinoamérica e na África do Sur Central. Hai case 300 millóns máis de casos anuais de malaria falciparum, cos maiores aumentos en China e Asia Central e unha menor mortalidade nas cidades, ó diminuíren máis as mortes relacionadas co frío do que aumentan as ligadas á calor. O desenvolvemento económico, a expansión da produción, percíbese como causas da contaminación e do dano ecolóxico: radiacións das plantas nucleares, o envelenamento por amianto, contaminación da auga, transxénicos van unidos. ¿E que pensar –como se pregunta a ecoloxista e activista antiglobalización Chusa Lamarca– do protocolo de Quioto que establece que o único xeito de non contaminar é dirixirse ó mercado e comprar os dereitos de emisión de aire sucio para retiralos da circulación? ¿por que non organizar outro cumio da Terra mediática? “Río, Río+5, Río+10, Río e outros 20 anos perdidos”, responde. Analistas como Susan George no Informe Lugano ou Miguel Sanz son concluintes: “Da evolución do capitalismo dedúcese que a crise ambiental é algo intrínseco ó seu funcionamento”.



Siberia viviu as peores inundacións da súa historia o ano pasado



Os incendios que arrasas a Amazonia están a provocar grandes desprazamentos das tribos



A seca en África está a provocar unha seca pertinaz acompañada de fame canina

d

icía hai uns días Immanuel Wallerstein, analista da globalización e os seus efectos na Universidade de Yale, que na sociedade actual —“ultrapolarizada”— só existían dúas correntes: unha reúne en Davos ós que intentan manter o seu poder e a outra mestura a aqueles que buscan un mundo máis igualitario pero “non se poñen de acordo nas estratexias”. Estes últimos —poderían denominarse *alternativos*— son os que acoden a Portoalegre ou os que estarán, a partir do día 26, en Iohanesburgo, no Cumio Mundial de Desenvolvemento Sostible. Son tamén os que reuniron en Quioto e non lograron convencer a rama estadounidense de Davos para asinar un protocolo que limitaría a produción de gases invernadoiro, principal responsable do vertixinoso cambio climático que rexistra no planeta. E é que os *alternativos*, no amplo abano das súas reivindicacións (solidariedade, redistribución da renda, defensa das minorías, combate dos fundamentalismos relixiosos e políticos, conservación das tradicións culturais e, ó tempo, mestizaxe...), teñen na ecoloxía o seu estandarte, ata o punto de crear partidos ecoloxistas, como os *verdes* alemáns, actualmente no Goberno.

A Iohanesburgo, onde o cambio climático é un asunto urxente na axenda, os *alternativos* chegan fornecidos pola obviedade da realidade última: os desastres naturais na Terra son cada vez máis destrutivos —como as virulentas ametencias deste agosto en Centroeuropa, na India, Mali, China, Vietnam e Mesoamérica— e só na última década, se rexistraron 2.000 millóns de damnificados e 800.000 falecidos. Para eles, a única solución a esta auténtica apocalipse é racionalizar o sistema de produción actual, baseado no consumo discriminado e compulsivo do primeiro mundo, que implica o expolio dos recursos naturais dos países pobres ou en vías de desenvolvemento e o colapso dos ecosistemas. Unha soa cifra máis: o uso dos recursos naturais supera nun 20 por cento a capacidade rexenerativa do planeta.

Ata a ONU se alía cos *alternativos* na necesidade de cambiar o actual sistema de produción para frear o cambio climático. A organización, nun informe que presentará en Iohanesburgo, advirte das actuais catástrofes e as inundacións de Centroeuroa son só o inicio dunha destrución que, dentro de trinta anos, sufrirá o 75 por cento do planeta habitado. Neses anos —ou sexa, o 2032— non haberá nin a metade da auga potable necesaria para a supervivencia das 8.500 millóns de persoas que o planeta. A temperatura ascenderá, a nivel global 3 graos, aunque haberá lugares con subas de 4 graos. En España, na última década, a suba foi entre 0,25



Os incendios forestais multiplicáronse no mundo estes últimos anos



Parodia de Kurt Jotter sobre Bush, que se opón a asinar Quioto

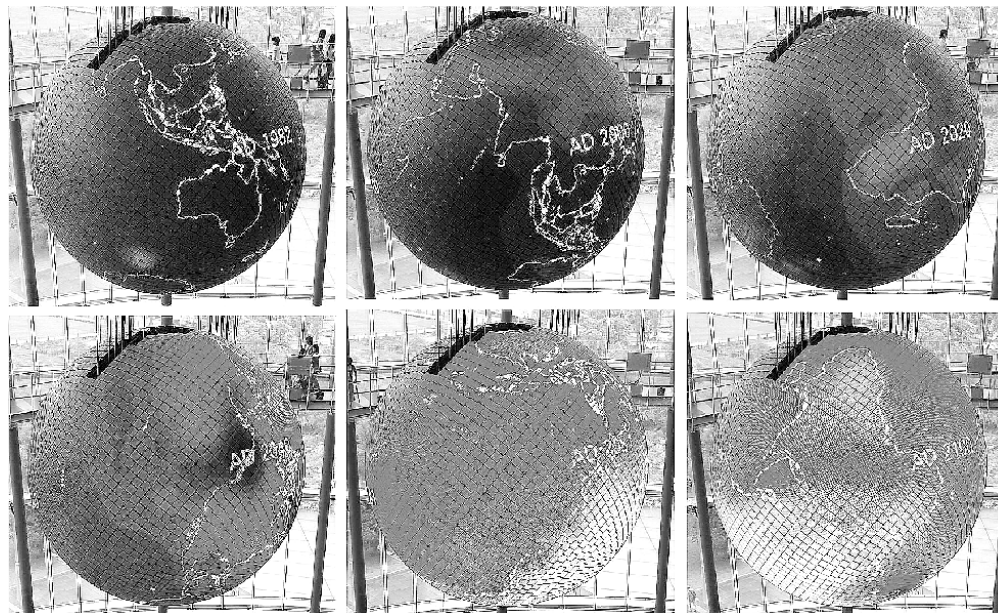
e 0,5 graos de media. En Galicia, ninguén ignora que os veráns xa non son verdadeiramente veráns desde hai anos —anque a temperatura media sexa progresivamente máis alta— e que os invernos xa non teñen a crueza doutro tempo. Haberá amplias zonas con secas persistentes e riadas extremas noutras latitudes. A humidade abandonará os bosques e, moitos deles, entre os 800 e os 4.000 metros, desaparecerán e canda eles, especies como gorilas, monos, osos ou paxaros, anque os máis afectados —os primeiros que deron a alarma de que algo grave sucedía— serán os anfíbios: as ras xa non alegrarán as noites de verán. Tampouco quedarán atrás os arrecifes coralinos e moitas illas do Pacífico quedarán anegadas polas augas pola suba do nivel do mar a causa do derretemento do xeo almacenado nos cascos polares. Moitos galaciares están desaparecendo e, mesmo na Antártida, resulta visible o debilitamento dalgúns deles e a súa morte en áreas como a illa de Heard. Algúns informes subliñan que cidades galegas como A Coruña acabarán sendo “cidades asolagadas” e que os invernos fríos serán historia a finais deste século. Para irnos preparando, en España, os veráns dentro de vinte anos serán catro ou cinco veces máis cálidos que hoxe.

Os mortos por mor do cambio climático nesta década alcanzarán un número estarrecedor: **oito millóns**. Os trastornos serán graves na agricultura, na pesca, na enerxía e no transporte e provocarán máis problemas sociais, grandes masas de desprazados e conflitos de convivencia e supervivencia. Por non falar das enfermidades. O trasfego de temperaturas ampliará o radio de acción dos axentes que as propician e o dengue, a malaria ou a febre do Nilo —que xa alcanzou Estados Unidos— estenderanse en zonas das que foran erradicadas ou nas que nunca existiran

[O optimismo axuda a vivir máis]

¿Como é posible que ante este panorama non se faga unha política que mitigue a posibilidade de tanto sufrimento? ¿Como é posible que non se preparen estratexias de intervención? ¿Como é posible que non se desenvolva un programa de enerxías renovables, empezando pola solar, a máis limpa e menos contaminante? ¿Como é posible que non se free o número de vehículos, á vista do alto custo ecolóxico do consumo de enerxías fósiles? ¿Por que Estados Unidos non asina o Protocolo de Quioto se tan importante para ese futuro sostible? ¿Por que non se fomentan hábitos alternativos de respecto ó contorno? ¿Por que se seguen apoiando as industrias altamente contaminantes? A restra de preguntas sería interminable e engastaríase a outras non menos suxestivas como ¿por que non se limita a fame do mundo cando temos un excedente de produción agrícola, suficiente para alimentar —de sobra— a humanidade enteira?

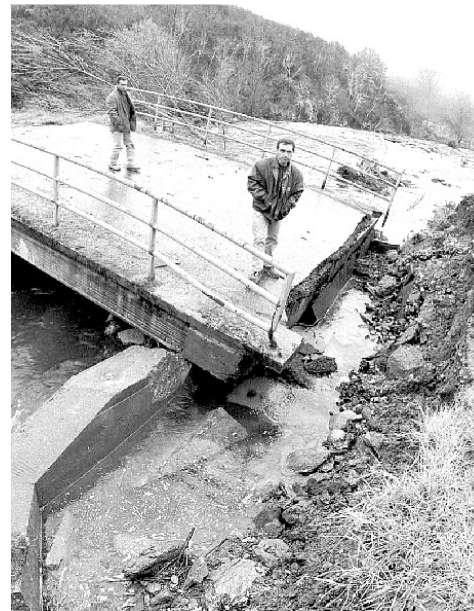
Para empezar, é preciso recoñecer —sexamos prácticos— que non todos os científicos están de acordo nin sobre a existencia dun cambio climático nin sobre as súas consecuencias nin —moito menos— sobre os seus terribles efectos. Nestes tres desacordos cómpre ir por partes: en realidade os tres representan unha mesma postura en diferentes etapas cronolóxicas e parece como se sempre levasen posta a carauta de que o optimismo axuda a vivir máis. Hoxe xa non existe ningún científico que negue o cambio climático: fixérono a primeiros dos anos oitenta do século pasado, desde as plataformas informativas de Estados Unidos, cando aínda non había excesivas probas científicas nin teses apuntoadas so-



Modelo simulado dun museo de Xapón que ilustra o quecemento do planeta desde 1982 ata finais deste século, cunha previsión de tres graos de crecemento como media



Dous exemplares de ras douradas, unha das especies máis ameazadas do planeta



Desbordamento dos regatos en Verín, durante o terrible inverno do ano pasado

bre un “asunto tan complexo”, dicían. Son os mesmos científicos que, logo, desde finais desa mesma década, ó aparecer os argumentos sólidos do cambio climático, trataron de tiralle dramatismo ás súas consecuencias, debuxando un horizonte máis grato da situación no futuro. Desde a metade dos noventa, ante o panorama de terribles secas e inundacións, boa parte destes científicos atribuíron a fenómenos *anómalos*, como *O Neno*, a transitoria crise climática e cando *O Neno* pasou e as catástrofes persistían —ou medraban— descubríron unha nova postura: o cambio climático existe, as súas consecuencias serán terribles pero non todas son desvantaxes: incluso, o mundo pode ser mellor co cambio. Claro está, estes científicos traballan en Estados Unidos e as súas investigacións páganse cos cartos do Goberno —ou das institucións privadas— dese país.

¿Claro por que? Entre outras razóns porque o cambio climático será moito máis soportable nos países ricos —os científicos son unánimes neste punto— e hai grandes áreas de recursos naturais que as grandes compañías transnacionais poderán explotar se o xeo da Antártida se derrete ou —como xa frega as mans o presidente norteamericano Bush— extraer o petróleo que se agacha baixo o chan de Alasca agora que os glaciares minguan e a neve xeada se derrete. Peor o levarán os países das áreas máis desenvolvidas, xa de por si pasto da miseria, onde o cambio de clima —ademais— se fará sentir con máis virulencia.

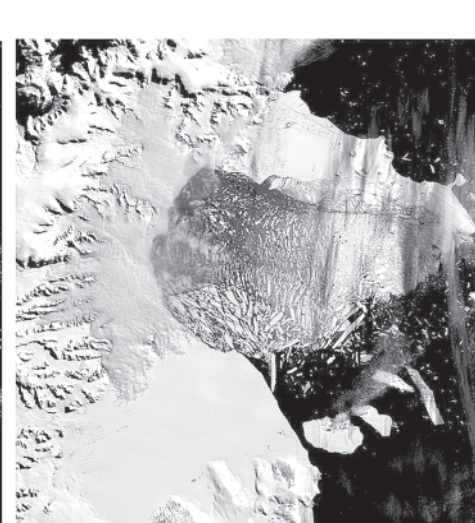
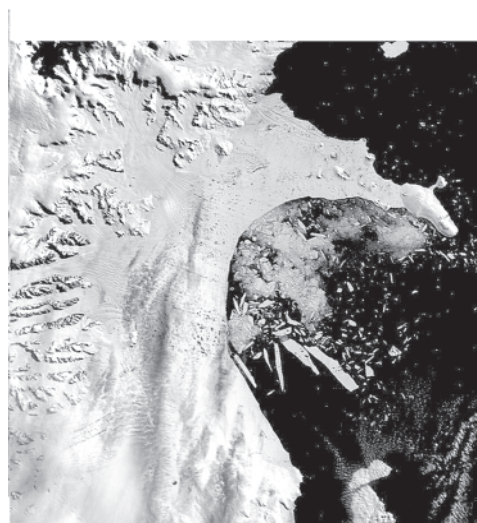
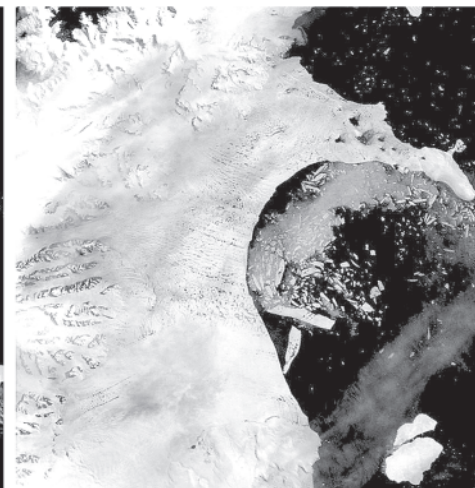
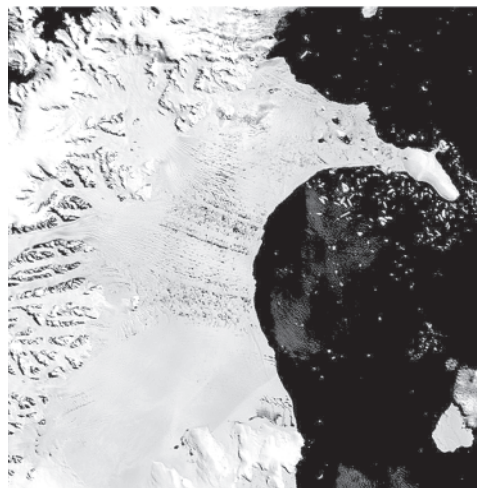
Algúns climatólogos defenden a idea de que as temperaturas máis altas van ser rendibles para todos: só será unha cuestión de adaptarse. Admiten o quecemento planetario pero dúbidan que sexa por estritas causas humanas e aluden ós cambios climáticos que rexistrou a Terra ó longo da súa historia. A xeito de explicación das súas teses, botan man deste último inverno, con pouca neve e temperaturas suaves en gran parte do mundo e subliñan que moitos países —“incluídos os pobres”— economizasen 100.000 millóns de dólares en enerxía e noutros gastos. Deles, correspóndenlle a Estados Unidos 21.000 millóns, ou sexa, o 21%. A industria tamén se beneficiou destas temperaturas e puido producir moitos máis bens cun crecente volume de transaccións comerciais. Un climatólogo, Stanley Changnon da Universidade de Illinois, apunta que o crecemento da economía debido ó quecemento global evitou unha tremenda recesión internacional previsible tralos atentados do 11 de setembro. Nesa mesma liña, outros científicos manifestan que tampouco a vida sobre a terra corre perigo: o planeta adaptárase e a vida desenvolveranse normalmente baixo as novas condicións climáticas.

O fondo destas teses *optimistas* está claro: o sistema actual de produción non ten por qué modificarse. Máis aínda: é o único capaz de salvar a humanidade fronte ó reto que temos enfronte, provocado —din— polas convulsións cíclicas da climatoloxía da Terra e non por efectos da acción humana. O mundo funcionaa correctamente e as leis de Darwin permitirán que tanto o planeta como o ser humano sobreviván á tensión biolóxica mediante a adaptación, de igual xeito que sobrevivirá o sistema económico vixente, adaptándose e medrando ilimitadamente.

Fronte a esta postura —que coincide coa corrente que se reúne en Davos—, os *alternativos* tratan de deixar patente a súa crenza noutro mundo que sexa posible con mellores condicións para toda a humanidade. En Johannesburgo teñen outra oportunidade... pero ¿saberán cómo unir as estratexias? Ou, mellor, ¿deixaríanles?.

¿Que pasará?

As prediccións elaboradas este mesmo ano polos expertos en medioambiente da ONU apuntan a que cara ó ano 2100 a temperatura media do planeta podería subir seis graos, con consecuencias dramáticas para a vida na Terra. O quentamento mundial podería incrementar a frecuencia e a intensidade de fenómenos como 'O Neno', elevando o risco de extinción, por caso, das aves. Os mesmos expertos coidan que o nivel global de produción agraria se manterá dentro das expectativas nos próximos cen anos, pero no eido rexional o impacto do aumento das temperaturas será moi forte: os máis afectados serán os países tropicais e subtropicais mentres que en África e en América Latina, o descenso da produtividade agraria pode alcanzar ata un 30 por cento. Anque nos polos do planeta se suavizarían as temperaturas, a ausencia de solos axeitados seguiría sendo un problema de estender os cultivos. O cambio climático alterará a estrutura e funcionamento dos ecosistemas coa consecuente perda da biodiversidade e de recursos naturais: deforestación, a alteración das rutas migratorias, cambios nos patróns reproductivos. Témesse ademais que a capacidade de absorción do carbono dos bosques, moi sensibles ó cambio climático, diminúa co tempo e que deixen de funcionar como sumidoiros de carbono para transformarse nunha fonte de emisión de gas. Os arrecifes de coral, o ecosistema mariño de maior diversidade e de grande importancia para a pesca, a protección da costa ou o control da erosión, morrerán xa que son especialmente vulnerables ós cambios de temperatura da auga, e esta subirá entre 3 e 4 graos. As previsións falan dunha suba entre 15 e 95 centímetros de aquí ó 2100 do nivel medio do mar, cinco veces máis rápido que nos últimos cen anos. Ese aumento afectará sobre todo ás illas (co aumento entre 1 e 2 graos da temperaturas, prevista para antes do 2021, e provocará a inmersión de moitas delas) e sitios costeiros e pode ter impactos negativos nos asentamentos humanos (deprazamentos), turismo, subministración de auga, pesca, infraestrutura, terras agrícolas e brañais. O cambio climático, así as cousas, derivará nun aumento do risco de contraer enfermidades como a malaria, o dengue, a febre amarela ou encefalite, así como salmonelose, cólera e outros males de transmisión por alimento ou auga. Miles de homes e mulleres morrerán anualmente como consecuencia da onda de calor mentres o descenso da produtividade, traerá un agravamento da desnutrición. O número de persoas baixo o risco de inundacións medra de trece (cifra actual) a 94 millóns: o 60% deste incremento dáse no Sur de Asia e o 20% no Sueste de Asia. A moeda está no aire: de momento a partida resólvese a favor do capital.



Tui

A cidade de Tui, sé episcopal, foi unha das sete provincias galegas. O seu papel na historia de Galicia foi determinante polo seu carácter de fronteira con Portugal. Foi nesa situación limítrofe a que fixo posible que os xudeus residentes na vila se dedicasen principalmente ó comercio con Portugal, establecendo relacións mercantís con localidades do outro lado do río, xa no solo portugués, Valença do Miño, moi famosa polas súas sedas e tecidos en xeral.

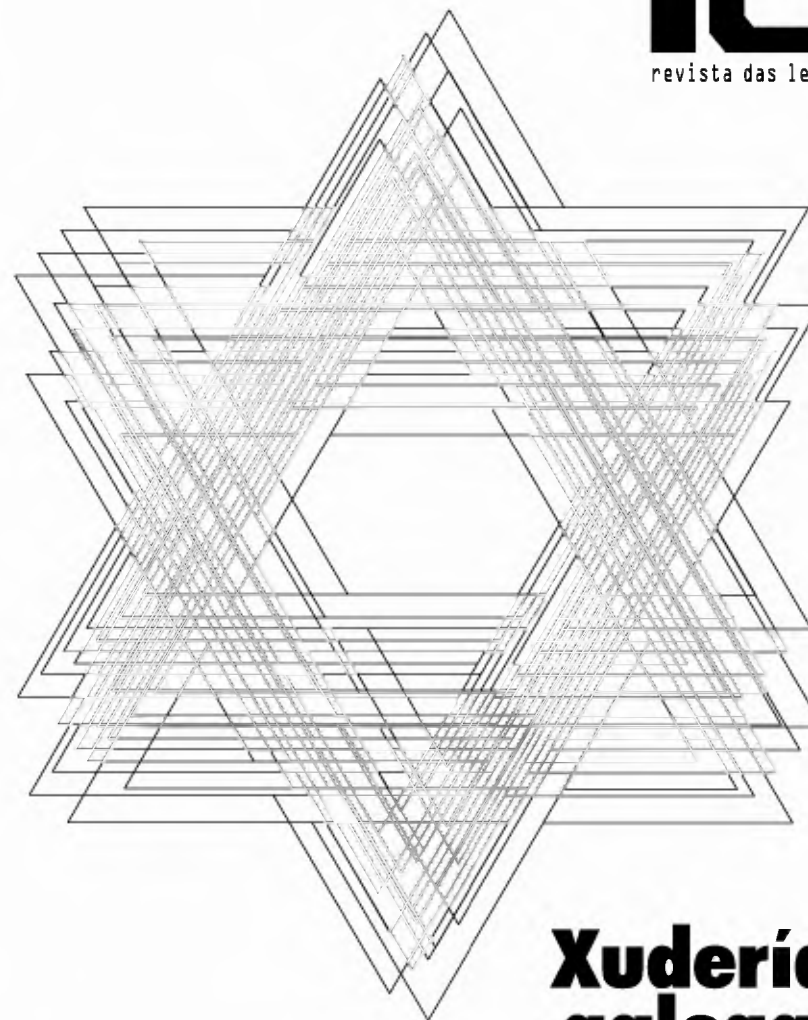
Moi pouco se sabe da comunidade hebrea de Tui, e aínda que se presupón que era bastante importante, tamén destaca por mobilidade xeográfica, pola proximidade coas outras cidades e portos importantes como Vigo, Baiona ou Salvaterra, onde igualmente existían colonias xudías asentadas e prósperas.

O que si se pode afirmar é que tralas expulsións dos xudeus de Portugal, que maioritariamente eran sefardís españois que se aloxaron en Portugal, trala expulsión dos Reis Católicos, Tui comezou a recibir grandes cantidades de xudeus e cristiáns novos. Co paso dos anos todos abrazaron o cristianismo e gran parte deles optaron por ingresar na igrexa, chegando a existir un gran número de conversos no clero tudense que pouco a pouco ía subindo na xeraquía eclesiástica. A sé episcopal de Tui solicitou establecer o Estatuto de Limpeza de Sangue en 1609 para frear esta ascensión dos cristiáns novos. Repetiron a solicitude no 1616, e, en ámbolos dous casos, a Cámara de Castela denegoulles a implantación.

O barrio xudeu, sen poder afirmalo taxativamente, e máis ben seguindo o esquema doutras cidades, supónse que se atopaba ó abeiro da Catedral –Fortaleza, baixo a protección do bispo– e abarcaba as rúas Fornos, Entrefornos, (actual rúa do Pracer), canella da Soidade, rúa do Ouro, e canella do Ouro. Do mesmo modo, tamén é probábel que os negocios hebreos máis prósperos de Tui estivesen situados nos soporais da famosa rúa Corredera. Na actualidade, e grazas ó crecente interese polo pasado hebreo de Galicia e de España, as vilas de Tui e Monforte tamén pasaron a formar parte da ruta das xuderías españolas, formando xunto con Ribadavia, unha subruta dentro do programa 'Camións de Sefarad'.



revista das letras 432



Xuderías galegas

As xuderías galegas

Todo parece indicar que os xudeus se asentaron en Galicia desde a súa expulsión de Israel no século I n.e. Anque non existen documentos da súa presenza ata o século IX, os historiadores teñen indicios da súa actividade nalgunhas vilas con movemento comercial a partir do século IV. A partir do século XI, as súas actividades comerciais resultan máis evidentes en áreas vencelladas ó Camiño de Santiago e nas rutas que unían Galicia co resto da península, e a súa poboación increméntase a partir dos séculos seguintes, gracias a medidas legislativas que, por exemplo, lles permitiron adquirir terras ou á nula agresividade que se rexistrou en Galicia cando, no século XIV, Europa os acusou de propagar a Peste Negra e unha parte deles foron linchados. Tamén Galicia foi o seu agocho no século XV, momento no que en Castela se desatan persecucións e progromos dos xudeus en Castela. Esa relativa apracibilidade da vida fixo que moitos deles, ó decretarse a súa expulsión en 1492 por parte dos reis católicos, optasen por converterse ó cristianismo nunha porción máis elevada que no resto de España, conversión que non lles impediu manter na intimidade os seus ritos. A tranquilidade duraría algo menos dun século xa que, en 1562 se instalou en Galicia o Santo Oficio que, durante os séculos XVII e XVIII, abriu numerosos procesos contra os xudai-zantes, nome que reciben os xudeus conversos que seguen fieis á súa relixión orixinal. O monográfico que hoxe publicamos de **reVISTA DAS IETRAS** é unha lembranza das pegadas deste pobo en Galicia a través dun material que forma parte de *As xuderías galegas*, unha mostra itinerante organizada pola Deputación da Coruña que está a percorrer distintas cidades do país.

A Coruña

Crese que os xudeus chegaron á Coruña no século XIII, no mesmo ano no que se funda a cidade, anque os achados arqueolóxicos demostran que xa había un asentamento xudeu na península, alomenos, no século X, como o demostra o achado dunha lápida hebraica. Entre os séculos XIII e XV, a xudería coruñesa era a segunda máis activa de Galicia, cun gran movemento intelectual. A razón deste esplendor é, segundo os especialistas, a chegada dos xudeus ingleses expulsados no ano 1290 ou os expulsados de Francia no 1306. Os seus oficios máis habituais eran os de recadar tributos, o préstamo, a xoiería ou os teceláns. Cando os xudeus foron tamén expulsados de España, A Coruña foi un dos principais portos polos que a comunidade emigrou do país. Na Coruña coñécense dúas xuderías, unha situada dentro da muralla e outra no exterior, anque se descoñece que ambas foron contemporáneas. A primeira estaba situada na actual rúa da Sinagoga e abrangía as rúas Zapatería, Cortadoría e Ferrerías. A segunda das xuderías estaba no antigo barrio de Santa Lucía (a actual Falperra) e denominábase no seu día A Rabiada. Hoxe é inexistente. Cerca desta última xudería, atopábase o cemiterio (na zona coñecida como a Palloza), fronte a un illote que se denominaba *Pena dos xudeus*, desaparecido tamén ó ampliar o porto pesqueiro coruñés a finais do século pasado. Hai quen di que existía unha terceira xudería de menor tamaño na Rúa Nova, xa que esta denominación, noutras cidades galegas, está vencellada cos asentamentos xudeus, pero non se pode comprobar.

A pegada máis célebre da comunidade na Coruña é a *Biblia Kennicott*, realizada na cidade en 1476 e considerada como un dos máis luxosos manuscritos hebreos iluminados que existen, obra mestra da arte sefardita mediterránea non só pola súa marabillosa escritura senón tamén polas ilustracións. Esta obra foi esquecida ata que o sabio Kennicott a mercou no século XVIII, trasladándoa posteriormente á Universidade de Oxford, onde se conserva na actualidade. Moitos opinan que a mentada biblia é o froito dunha escola de iluminados hebreos asentados na cidade, anque outra teoría sostén que a Kennicott é unha copia da *Biblia Cervera*.





Betanzos

A xudería de Betanzos pertencía ó grupo fiscal da Coruña, xunto con Pontedeume e Ribadeo (é dicir, tributaban ó rei as catro vilas xuntas). Estaba situada no barrio denominado Cruz Verde (en referencia ó escudo da Inquisición española) e abranguía as rúas Cruz Verde, rúa dos Xudeus e o rueiro a Cruz Verde coa Nacional VI, denominada anteriormente Camiño de Castela. O máis característico deste pequeno grupo de rúas é a súa intención de pasar desapercibido para o resto da poboación, como o demostra o rueiro da rúa Cruz Verde que, dende o exterior, aparenta ser unha casa, posto que se entra pola porta dunha vivenda e, sen embargo, o interior é un pequeno pasadizo con varias casas dentro.

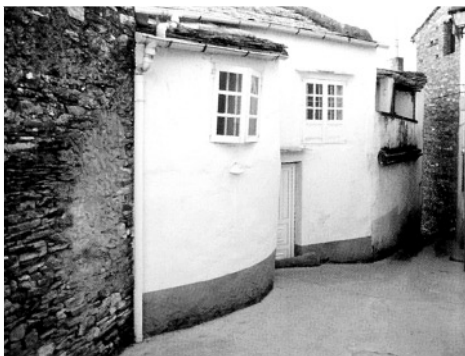
Os xudeus vivían nos arraiais da vila e trasladáronse ás rúas da zona alta, rúas Cortaduría, Ferreiros, Pescadería... onde tiñan os seus postos de traballo e negocios. Non se sabe practicamente nada dos xudeus asentados en Betanzos aínda que o seu número debía de ser considerable, segundo os especialistas, polo feito de que a Inquisición se instalase temporalmente para realizar os seus oficios ós xudeus conversos no número 9 da rúa da Cerca, construción pertencente a un nobre local.



Compostela

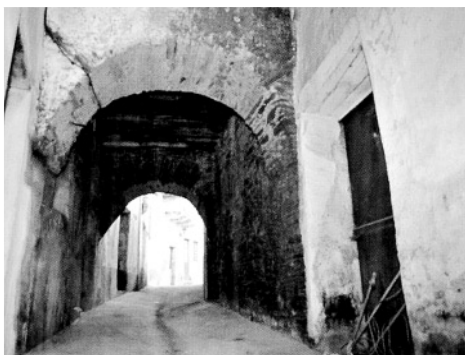
Sería o apóstolo Santiago o primeiro xudeu que visitou Galicia, se facemos caso á tradición, alomenos do que se teña constancia, sexa verdadeira ou non a presenza do apóstolo en Compostela. Á parte do discípulo de Xesucristo, non se sabe cando os xudeus se asentaron na actual capital galega, anque non cabe dúbida de que foi moi cedo, xa que a ruta Xacobeá é unha das máis importantes europeas da idade media. Segundo os especialistas, os xudeus que se instalaron en Compostela buscarían dúas cousas: o comercio e os continuos continxentes de peregrinos que facían necesaria a presenza de prestamistas, cambiadores ou mercaderes; e a segunda, a Igrexa. Os altos membros da xerarquía eclesíastica requirían xoias, cálices ou sagrarios, polo que os xoieiros xudeus encontraron un mercado propicio. Outra razón sería, por último, a construción da catedral e o tecido dunha rica simboloxía xudía que, con frecuencia, estaba vinculada á Cábala e, por tanto, precisaba de iniciados capaces de desentrañala e desenvolve-la na pedra. Respecto deste asunto, existe unha cuestión que retoca a teorí, como é o feito de que a relixión xudía prohiba expresamente as imaxes, co que a única posibilidade para realizar a ornamentación do templo é que os constructores fosen xudeus conversos ou estivesen asesorados por hebreos, pero non que eles a executaran, o que explicaría o profundo coñecemento dos principios cabalísticos da Biblia. En canto á situación da xudería de Compostela, estaba detrás da catedral, desde as rúas das Algalias, os Truques e as rúas Xerusalén e Troia (que fai referencia á Torá). A propia palabra Algalia provén da arabización da palabra Cábala (en árabe Alcabala). Pese ás posibilidades da cidade, a comunidade hebrea de Compostela non foi excesivamente importante en Galicia.





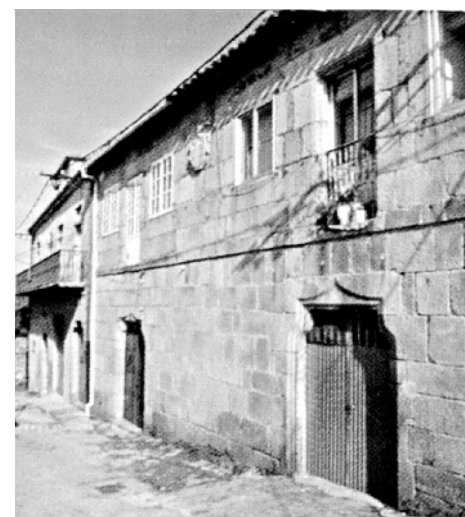
Mondoñedo

Mondoñedo, capital dunha das sete provincias do antigo reino de Galicia, era coñecida como Vilamaior e contou coa comunidade xudea ó abeiro do mosteiro de Vilanova de Lourenzá, equiparable en desenvolvemento ó de Sobrado e o de Meira. Ó igual ca estes, o de Lourenzá acolleu a comunidade baixo a súa protección polo seu labor como administradores e recadadores de impostos. Neste caso, o protectorado da comunidade hebrea viña directamente do bispo de Mondoñedo. Outro dos motivos para a presenza hebrea atópase na bonanza económica da cidade a partir do século XII, unha situación xeográfica cunha gran riqueza agrícola e gandeira, ademais de estar na ruta que une Galicia e Asturias. Mondoñedo contou con dúas xuderías separadas por escasos metros, aínda que non se pode determinar se ambas coexistiron no mesmo período. A primeira delas, estaba na ruela da Leña, situada moi próxima ó seminario e que contaba cunha única entrada, polo que fai que a rúa sexa como un círculo moi estreito de casas agrupadas co fin de aproveitar a calor das vivendas. A segunda das xuderías estaba no rueiro situado detrás da Fonte Vella, á que se accede por unhas angostas escaleiras.



Monforte

En Monforte de Lemos, a poboación xudeus chegou a ser tan importante que todos os seus habitantes recibían a denominación de xudeus e, de feito, o pasado hebreo de Monforte está estreitamente ligado á historia da cidade. Ó igual que noutros moitos sitios, a poboación xudía instalouse ó abeiro dun mosteiro, neste caso San Vicente do Pino, e asentou na ladeira do monte no que estaba instalado tanto o mosteiro como o castelo. En Monforte, pola tipoloxía da cidade, non existía unha xudería, senón que a comunidade non habitaba nunha zona delimitada e cerrada, como na maioría dos lugares, senón que vivía nas zonas denominadas "de ámbito xudeu": a poboación era maioritariamente hebrea, pero non segregada. A cidade antiga de Monforte estendíase polas rúas que cinguían o monte na súa ladeira leste e sur, así como as que ascendían cara o monte desde o val, en especial as que enlazaban o antigo castro coa ponte medieval que cruza o río Cabe. A sinagoga estaba na rúa da Falangueira, que foi durante séculos o eixo principal de Monforte, hoxe estragada e esquecida, como boa parte do patrimonio histórico da cidade. Non se sabe en qué momento os xudeus se instalaron en Monforte. Os testemuños documentais datan do século XV pero sábese que en 1391 existía xa unha nutrida colonia. No século XV, os xudeus monfortinos comezaban a asentarse noutras vilas como Ares e Betanzos. Ademais de numerosas lendas vencelladas á comunidade, como a da proba caldaria, cabe salientar nas relacións da cidade cos xudeus a historia do apelido De Lemos. É sorprendente o número de familias sefarditas con este apelido que dende o século XVI se estenderon por Europa e América. Anque non se poida afirmar que todos os sefarditas con apelido "De Lemos" ou "Lemos" sexan orixinarios de Monforte, si é razoable pensar nunha alta proporción.



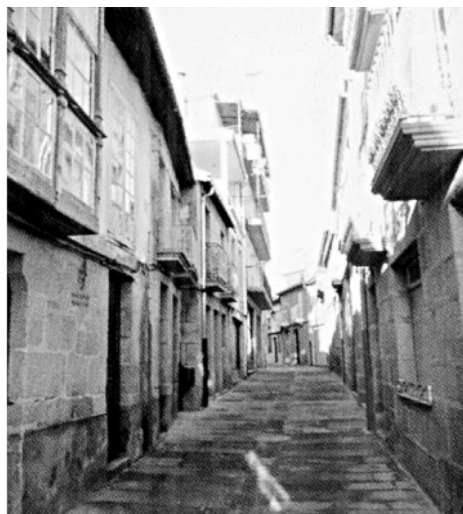
Allariz

Na vila de Allariz atopábase unha das xuderías máis importantes de Galicia, que foi próspera e fructífera ata o século XV, en parte pola súa excelente situación estratéxica que facía da cidade "chave de Galicia" (segundo un privilexio de sancho IV). Durante o século XII, os xudeus e cristiáns vivían protexidos polas murallas do castelo en rúas lindantes pero a tendencia dos hebreos ó illamento fixo que se organizasen en torno á figura do rabino, centrando a súa residencia no barrio de San Pedro (actualmente as rúas de San Lázaro, Porta de Vilanova, Portelo da Barreira e a rúa Arroleiro). Durante o primeiro período non se pode falar propiamente de xudería xa que as dúas etnias estaban mesturadas, aínda que a maioría dos hebreos se atopaban nesta zona.

O día 20 de maio de 1289 prodúcese un acontecemento decisivo, o que nos dá unha mostra da situación dos xudeus en Galicia; asíñase o acordo polo que os pobos, xudeus e cristiáns, deciden vivir separadamente. O sorprendente desto é que se firma entre iguais e equitativamente, acordando tolerancia mutua. Tamén se pacta separar as celebracións para que ningún xudeu poida estar presente durante as procesións cristiás e que ningún cristián poida interromper a liturxia xudía. Do mesmo xeito, acórdase que ningún xudeu poida vivir onde os cristiáns e que ningún destes o faga na xudería.

Este feito pode parecer nos na actualidade irracional e racista, no século XII é todo un logro da tolerancia posto que ámbalas partes se recoñecen mutuamente, aceptando que cada un adore a un Deus distinto, e sobre todo aceptando a relixión do outro. Ningunha das dúas parece ter unha postura opresora e o único que buscan é unha convivencia pacífica.

Durante os anos anteriores a este acordo, era normal que os xudeus se burlasen das procesións cristiás, insultando as imaxes de Cristo e da Virxe María. Pola súa parte, os cristiáns intentaban por todos os medios interrompelos servicios relixiosos hebreos e molestalos durante o Sabbath (día no que os xudeus non poden facer ningún tipo de actividade física). Quizais poida pensarse que estes actos son un indicio de mala convivencia, sen embargo é todo o contrario. Os xudeus e cristiáns considerábanse a si mesmos como iguais, o que fai lóxico que se enfrontasen como iguais en cuestións relixiosas (a fin de contas son os únicos roces dos que se teñen constancia). Os acontecementos ocorridos en Allariz, e noutros lugares de Galicia, terían suposto un linchamento sistemático de xudeus de calquera outra parte. Tras este acordo, algúns xudeus instaláronse no barrio do Couto, aínda que a maioría deles fixérono na zona de Subcastelo, xa fóra das murallas, nas proximidades da Sinagoga e o cemiterio hebreo, que foran construídos no século anterior nuns terreos cedidos para tal fin polo goberno local. A xudería de Allariz tivo a súa época de esplendor ata principios do século XV a partir do que irá decaendo paulatinamente, especialmente a partir da segunda metade do século, trala prohibición para os xudeus de exercer cargos públicos e actividades profesionais, o que supuxo o final da xudería de Allariz.



Ourense

A xudería ourensá, a pesar de ser unha comunidade importante dentro do grupo de xudeus galegos, era máis ben pequena. De feito, non se pode falar propiamente dunha xudería, a pesar de ter unha sinagoga e rabino maior. Estaba situada na 'rúa nova' (actual rúa Lamas Carvajal) pero debido ó reducido número de membros, sempre conviviron con cristiáns na mesma rúa, pola sinxela razón de que os hebreos non ocupaban toda a rúa. Incluso algúns investigadores sosteñen que no momento de esplendor, a poboación de xudeus na rúa Nova non superaba o quince por cento da veciñanza. En calquera caso, polos datos do que se dispoñen —todos do século XV e bastante numerosos—, sábese que a xudería de Ourense gozaba dunha desafogada economía, onde había varios cobradores de impostos e prestamistas, alomenos un xoieiro, un zapateiro, un armeiro, varios médicos e un veterinario.

O goberno municipal era consciente da importancia que tiña a xudería para a economía local, polos impostos que estes pagaban e pola riquezas que xeraban, e intentaban por todos os medios o seu alcance que os semitas non abandonasen a cidade. Entre estas medidas atopábanse o imposto que debería de pagar todo cidadán que abandonase a cidade; os cristiáns debían abonar doce maravedís mentres que os xudeus tiñan que pagar vinte e catro (non sabemos se para os hebreos ou por simple antisemitismo). Algunhas familias hebreas vivían en rúas lindantes á rúa Nova como son as rúas Zapateiros, Arce-dianos, praza do Campo (actual praza Maior) e Barreira. Se embargo, en 1484 faise público o decreto das Cortes de Toledo, polo que se obriga a tódolos xudeus a residir na rúa Nova, e ordénaselles ós cristiáns que abandonen esa rúa. O goberno municipal non fixo demasiado caso a este edicto que foi necesario repetilo máis duramente en 1487. Igual que sucedera noutros puntos de Galicia, a situación era tan distendida que en ocasións foi necesario deter algún hebreo por blasfemar durante as procesións cristiás.

O incidente máis grave que se recorda contra os xudeus en Ourense, antes do edicto de expulsión foi o saqueo da sinagoga en 1411, non obstante os documentos existentes culpan desto a un grupo de franceses que naquel momento se atopaban aloxados nunha das casas da xudería. En canto á sinagoga, sábese que estaba situada na rúa Nova, que era bastante pequena, bastante lóxico tendo en conta a poboación da xudería, e que dispuña de horta e pozo. Sen embargo non se pode determinar a súa localización exacta. Para algúns ocupaba o predio onde agora se ergue a igrexa de Santa Eufemia, mentres que para outros é un local xusto enfronte, nun edificio que comunicaba a rúa Zapateiros coa rúa Nova.



Ribadavia

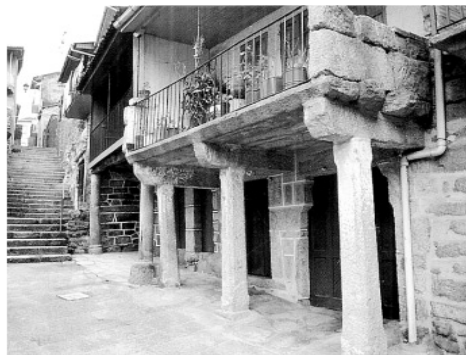
Ribadavia posuía a máis importante xudería de Galicia, hoxe declarada monumento nacional e incluída na rede de xuderías de España (denominada *Camiños de Sefarad*). Este tramento especial dá idea da dimensión da súa alxamía.

Segundo a tradición, os primeiros hebreos que se instalaban en Ribadavia fixérono no século XI, cando o rei Don García escolleu a vila como capital do reino de Galicia no ano 1063, co fin de xestionar os asuntos financeiros do país e aproveitar as posibilidades comerciais que ofrecía a nova vila pola súa condición de capital e a súa situación xeográfica.

As primeiras probas documentais datan do século XIV, cando se describe a resistencia dos membros do pobo hebreo no asedio das tropas inglesas do duque de Lancaster, que finalmente tomaron e saquearon a vila. A tradición xudía da cidade é tan grande que algúns autores aseguran que o nome de Avia provén do hebreo e significa "vontade de deus". Outros din que o nome deste río é de orixe celta.

Un factor decisivo do desenvolvemento da alxamía da cidade, xunto co de ser entrada de Galicia, foi a riqueza vinícola de Ribadavia, o Ribeiro, moi apreciado desde o século XII. Os xudeus atoparon no comercio do viño a forma máis importante de ingresos na xudería. Segundo algúns historiadores, a poboación semítica de Ribadavia chegou a ser do 60 por cento e o edicto de expulsión supuxo un duro golpe para a cidade, anque a maioría dos xudeus optaron por converterse ó cristianismo, anque na intimidade seguían practicando a relixión dos seus devanceiros. O número de xudaizantes era moi numeroso posto que a poboación o aceptaba, e o tribunal da Inquisición do que dependía Galicia estaba en Valladolid. Trala expulsión dos xudeus de Portugal, moitos deles regresaron a Galicia sabedores da boa situación que se vivía e a cantidade de xudaizantes en Ribadavia aumentou considerablemente.

O progreso económico de Ribadavia nos séculos XVI e XVII permitíalles ós criptoxudeus manter contactos con xuderías e sinagogas europeas, especialmente a de Venecia e Ámsterdan, ata que aparece un comisario do Tribunal de Ribadavia e a convivencia se vén abaixo ó realizarse os primeiros autos de fe e as primeiras detencións. As denuncias e acusacións estragan a harmonía dunha cidade próspera e apracible. Dentro barrio hebreo, destacan os pequenos rueiros, con numerosas escaleiras, abundancia de casas con adegas para o viño (ou ben talleres artesanais) e as portas enlousadas a modo de plataforma para evitar que entrase a auga e a humidade nos locais e vivendas. A sinagoga, segundo os últimos datos, era de boas dimensións. Foi erixida entre os séculos XII e XIII, e ocupaba a fachada oeste da actual praza da Magdalena. O edificio mantivo a estrutura orixinal ata principios do século XX. Na actualidade, as columnas exteriores pertencen ó edificio orixinal, e subterra das dependencias contiguas existe un pasadizo subterráneo que se supón foi a saída de emerxencia do templo.



Pontevedra

Tense constancia da presenza hebrea na cidade de Pontevedra, alomenos desde 1304 como figura no documentado de vendas duns terreos ó prior de santo Domingo de Pontevedra, no que se fai mención da presenza dun gardián, ou custodio, da sinagoga da vila. Para que houbera unha sinagoga establecida en Pontevedra a comezos dos século XV, tiñan que habitar un mínimo de dez familias, polo que é moi probable que a presenza de semitas na cidade se remonte a mediados do século XIII.

A xudería de Pontevedra posuía sinagoga e fosoar (cemiterio xudeu), polo que é de supoñer que o seu tamaño e importancia debeu ser considerable no seu momento de esplendor. Hai que ter presente que durante a idade media, a cidade pontevedresa era un importante centro comercial. A localización do barrio hebreo estaba entre o actual parador de turismo (Casa do Barón) e a Igrexa de Santa María, e abarcaba as rúas Rúa Alta, Praterías, Vella, Amargura e Tristán de Montenegro.

Na praza de santa María existe unha praza que recorda que nese lugar estaba o antigo cemiterio xudeu. A esa zona da praza coñécese como "Lampán dos Xudeus". Nunha carta da pianista xudía Marta Lehman de principios do século XX, descríbese á xudería pontevedresa como unha das mellores conservadas de Europa. Sen embargo, e para a nosa desgracia, na actualidade pouco queda xa daquel importante barrio semita.